

Julho 2024

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Participação das crianças nos contextos educativos- representações das crianças e dos adultos

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Catarina Sofia de Almeida Ferreira

ORIENTAÇÃO

Doutora Irene Zuzarte Cortesão Melo da Costa



PAULA
FRASSINETTI



Participação das crianças nos contextos educativos- representações das crianças e dos adultos

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção do grau de mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De

Catarina Sofia de Almeida Ferreira

Orientação

Doutora Irene Cortesão Zuzarte Cortesão Melo da Costa

Porto, julho de 2024



AGRADECIMENTOS

Através da realização deste relatório de estágio encerro um capítulo da minha vida académica, para a obtenção do grau de Mestre, por isto, torna-se crucial agradecer a todas as pessoas e instituições que me acompanharam e cooperaram neste percurso da minha vida pessoal e profissional. Através de diferentes formas, como a entre ajuda, o companheirismo e o apoio, enriqueceram este relatório e fazem parte do percurso deste projeto.

Em primeiro lugar quero agradecer à instituição que me viu crescer pessoal e profissionalmente, a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, assim como a todos os docentes e funcionários que contribuíram para o meu processo de aprendizagem.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Irene Cortesão, por todo o apoio, acompanhamento e disponibilidade que teve comigo nos últimos dois anos. Com o seu auxílio e cooperação ajudou-me a realizar este relatório, orientando-me sempre no melhor sentido. Foi um prazer muito grande partilhar este momento de aprendizagem e crescimento consigo.

Quero agradecer a todas as instituições que me permitiram realizar as investigações necessárias para tornar esta investigação enriquecedora e com o maior número de dados a nível quantitativo e qualitativo. Da mesma forma enalteço a participação das docentes destas instituições, a professora da PES II, a educadora da PES II e a professora da PES IV, que me acolheram e ensinaram com muita dedicação e paixão em todos os meus estágios. A todas as outras docentes que participaram e sempre estiveram disponíveis para me acompanhar e ajudar. De igual forma agradeço a todos os encarregados de educação que permitiram que os seus educandos fizessem parte desta investigação.

Às crianças, agradeço por todas as oportunidades que me proporcionaram para aprender convosco, por termos sido um grupo e me terem acolhido tão bem. Serão para sempre as minhas crianças, que me permitiram realizar todas as experiências necessárias, e olhar a educação com muito mais amor, dedicação e respeito.



A todas as minhas amigas, que são família, por me acompanharem, apoiarem e ouvirem neste processo, esclarecendo todas as minhas dúvidas e acreditando sempre em mim. Sem dúvida que a vossa presença fez diferença no rumo desta investigação.

Ao meu namorado, quero agradecer pelo amor e pelo apoio incondicional, tendo sempre palavras amigas para me reconfortar e encorajar.

Por último, e não menos importante, obrigada à minha família, pela presença, amor e dedicação comigo. Agradeço muito aos meus pais a oportunidade de seguir o meu sonho de infância, ser professora de 1.º CEB.

Após todos os agradecimentos, saliento a importância de seguir o que nos faz felizes, certamente serei uma profissional com muito amor e dedicação para oferecer.



RESUMO

Este documento reflete e descreve uma investigação realizada sobre a participação das crianças no contexto educativo.

Em primeiro lugar, no enquadramento teórico, reflete-se sobre a importância dos direitos das crianças na participação do contexto educativo, sobre a implementação de leis nacionais e internacionais, assim como convenções que vieram revolucionar esta temática, sendo possível compreender como estes direitos foram sendo colocados em prática.

Seguidamente é analisada a pertinência dos conceitos de participação, agência e imagem da criança. Com isto, tornou-se possível refletir sobre a promoção da participação das crianças nos contextos educativos, colocando em hipótese a sua atual prática nas escolas.

Sabendo que a participação das crianças pode acontecer de formas muito diversas, analisam-se diferentes propostas que ajudam a perceber que a participação das crianças pode ser mais ou menos efetiva. Neste sentido, reflete-se sobre várias propostas que ajudam a estabelecer uma gradação de níveis de participação.

No final desta contextualização teórica, são analisados os obstáculos à participação das crianças. São enumerados alguns desses obstáculos, assim como possíveis soluções promovendo uma maior participação e inclusão das crianças nos processos do quotidiano escolar.

Na segunda parte deste trabalho, apresenta-se o desenho de investigação seguido, assim como se caracteriza o contexto de investigação e os participantes da mesma, apresentando os instrumentos de recolha de dados. Seguidamente, faz-se a apresentação e a discussão dos dados recolhidos, assim como se reflete sobre o que estes nos permitiram perceber em relação à questão de partida desta investigação.

Palavras-chave: Participação, direitos, agência, contextos educativos, níveis de participação



ABSTRACT

This document reflects on and describes research on children's participation in the educational context.

Firstly, the theoretical framework reflects on the importance of children's rights in participation in the educational context, the implementation of national and international laws and conventions that have revolutionised this issue, and how these rights have been implemented.

We then analysed the relevance of participation, agency and the child's image. With this, it became possible to analyse the promotion of the involvement of children in educational contexts, hypothesising its current practice in schools.

Knowing that children's participation can occur in very different ways, different proposals are analysed to help us understand that children's participation can be more or less effective. In this sense, we reflect on various proposals that help establish a gradation of participation levels.

The end of this theoretical contextualisation, the obstacles to children's participation are analysed. Some of these obstacles are listed, as well as possible solutions to promote greater participation and inclusion of children in everyday school processes.

The second part of this paper presents the research design followed, characterising the research context and participants and presenting the data collection instruments. This is followed by a presentation and discussion of the data collected, as well as a reflection on what has allowed us to realise the starting question of this research.

Keywords: participation, rights, agency, educational context, participation levels



LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

CDC- Convenção dos Direitos das Crianças

CEB- Ciclo do Ensino Básico

Criança x (F)- criança do sexo feminino

Criança x (M)- criança do sexo masculino

ONG- Organização Não Governamental

LPI- Lei de proteção à infância

PAA-Plano Anual de Atividades

PE- Projeto Educativo

PES- Prática de Ensino Supervisionada

PIT- Plano Individual de Trabalho

RI- Regulamento Interno

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF- United Nations International Children's Emergency Fund



ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1 Direitos das crianças	3
1.2 Conceito de participação: agência, imagem da criança	4
1.3 Importância da participação das crianças no contexto educativo	5
1.4 Níveis/tipos de participação	7
1.5 Papel do adulto, promoção e obstáculos à participação das crianças	10
CAPÍTULO II- METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO.....	15
2.1 Pertinência da Temática e objetivos	15
2.2 Procedimentos Metodológicos.....	15
2.2.1 Técnicas de recolha de informação	15
2.2.2 Análise documental	16
2.2.3 Observação participante	17
2.2.4 Grupo de discussão focalizada	18
2.2.5 Entrevista.....	19
2.3 Investigação em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	20
2.3.1 Contexto da investigação.....	20
2.3.2 Participantes	21
2.4 Investigação em contexto de Pré-escolar.....	22
2.4.1 Contexto da investigação.....	22
2.4.2 Participantes	24
2.5 Investigação em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	24
2.5.1 Contexto da investigação.....	24
2.5.2 Participantes	26



CAPÍTULO III- DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	27
3. Apresentação dos dados.....	27
3.1 Registos de observações- 1.º CEB.....	27
3.2 Grupos de discussão focalizada- 1.º CEB	29
3.3 Discussão dos resultados- 1.º CEB.....	34
3.4 Registos de observações- Pré-escolar.....	36
3.5 Grupos de discussão focalizada- Pré-escolar.....	37
3.6 Discussão dos resultados- Pré-escolar.....	42
3.7 Análise de Dados Comparativos.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53



ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice A- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice B- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada-
Docentes

Apêndice C- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Crianças

Apêndice D- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada-
Docentes

Apêndice E- Cartaz alusivo à primavera

Apêndice F- Posters

Apêndice G- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice H- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Apêndice I – Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice J- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Apêndice K- Partilha opiniões projeto lúdico

Apêndice L- Hospital sala de atividades

Apêndice M- Coroa Dia de Reis

Apêndice N- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Crianças

Apêndice O-Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Apêndice P- Anexos do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada-
Crianças

Apêndice Q- Anexos Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada-
Docentes

Apêndice R- Transcrição do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada-
Crianças



Apêndice S- Transcrição do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada–
Docentes

Apêndice T- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice U- Consentimento Informado Entrevista- Docente

Apêndice V- Guião de Entrevista Grupos de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice W- Guião de Entrevista- Docente

Apêndice X- Anexos Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice Y- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Apêndice Z- Transcrição Entrevista- Docente

INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar I e II, e da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico I e II, do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ao longo do 1.º e 2.º ano.

O conteúdo deste relatório pretende refletir acerca da implementação da participação em contextos educativos, compreendendo as representações dos docentes e dos alunos acerca desta temática. Para isto, tornou-se crucial partir da questão *Como é que crianças e os adultos interpretam e implementam a participação em contextos educativos?*, tendo sido recolhido dados que permitissem responder a esta questão.

A participação das crianças é fundamental ser colocada em prática, no dia a dia, valorizando cada vez mais as crianças e a sua palavra, fomentando o seu desenvolvimento. Este tema foi escolhido por se considerar que não é suficientemente valorizado e não ser considerado por muitos adultos, na altura de conceber o processo de ensino aprendizagem.

Ao longo deste relatório, no capítulo I, discute-se a importância dos direitos das crianças para a participação, assim como conceitos como agência e voz da criança, níveis de participação e os papéis que os adultos podem adotar na construção da aprendizagem das crianças.

O capítulo II apresenta-se o desenho de investigação, assim como as *Metodologias de Investigação* utilizadas, fundamentando-as, explicitando os contextos em que decorrem as investigações e os participantes.

No capítulo III faz-se a *Descrição e Análise de Dados*, sendo apresentados, analisados e refletidos os dados recolhidos anteriormente. No primeiro contexto foram recolhidos dados com um grupo misto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, no segundo com um grupo misto de Pré-escolar e por fim, no último contexto com uma turma de 4.º ano do 1.º CEB.



No contexto I e II foram recolhidos dados através da observação participante, e grupos de discussão focalizada com alunos e docentes. No contexto III foi realizado um grupo de discussão focalizada com os alunos e uma entrevista à docente titular daquele grupo. A *Análise de Dados Comparativos* compara e reflete os dados recolhidos.

Por fim, são apresentadas as *Considerações Finais*, nas quais se procura, à luz dos conceitos anteriormente discutidos, analisar os resultados obtidos, no sentido de procurar responder à pergunta de partida que orientou esta investigação.



CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Direitos das crianças

As crianças começaram a ver reconhecida a sua importância na sociedade portuguesa a partir do século XX. A Lei de Proteção à Infância (LPI), implementada em 1911, o que, segundo Candeia e Henriques (2012), veio colocar Portugal na vanguarda relativamente aos direitos das crianças, dando início à organização de um sistema judicial de proteção às crianças e jovens.

Em 1948 foi criado o primeiro documento de proteção internacional, redigido pelas Nações Unidas, zelando pelos direitos humanos básicos. A Declaração dos Direitos Humanos defende oficialmente questões relacionadas com os direitos políticos, culturais, sociais, económicos e civis, de toda a população. Já em 1959, surgiu a Declaração Universal dos Direitos da Criança, atribuindo-lhe proteções e cuidados especiais, incluindo proteção jurídica, passando a criança a ser reconhecida como sujeito de direitos, e não simplesmente como objeto.

Após a revolução do 25 de abril de 1974, pode-se afirmar que em Portugal se iniciou um maior processo de expansão dos direitos das crianças. Pela primeira vez, em 1976, ficaram registados os direitos fundamentais à infância e à juventude, na Constituição da República Portuguesa.

Anos mais tarde, 1979 foi denominado como o “Ano Internacional da Criança”, ano da proposta da Convenção dos Direitos das Crianças (CDC), realizada a 20 de novembro de 1989 pelas Nações Unidas, mas vigente em Portugal apenas em 1990, após ratificação. Este documento visou o desenvolvimento e a evolução em condições de paz e segurança, assim como fomentou organizações e ONGs a considerarem a participação das crianças como um direito.

Segundo a CDC, na Parte I, artigo 1.º “... criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.” (Agência das Nações Unidas para a defesa e promoção dos direitos das crianças [UNICEF], 2019, p.8).

Esta convenção, considerada democrática, assenta sobre quatro pilares importantes: a não discriminação, o superior interesse das crianças, sobrevivência e

desenvolvimento e a opinião da criança, que especificamente promove o direito à vida, o direito à identidade, o direito à participação, entre outros. Relativamente à participação das crianças, estas passam a ter o direito à educação, ao nome, identidade, opinião livre, liberdade de expressão, de pensamento, de religião e de consciência, sem qualquer limitação.

Na Constituição da República Portuguesa, mais pormenorizadamente no capítulo III relativamente aos direitos e deveres culturais, o artigo 73.º determina o direito à educação, cultura e ciência, e o 74.º ao ensino, assegurando um sistema público, o ensino obrigatório, gratuito e universal.

Atualmente, tendo em conta os normativos legais e discursos no âmbito normativo social, as crianças são consideradas como sujeitos com direitos, que devem ser ouvidas e defendidas. A Constituição reconhece o Estado como promotor dos direitos das crianças, elegendo a família como fundamental na sociedade para o crescimento e bem-estar das crianças, recebendo assistência para o papel que desempenha.

Neste sentido, o Estado é o responsável por garantir a proteção às famílias, pela promoção da independência social e económica, promover e garantir o acesso à educação, nomeadamente escolas, e apoio a famílias com filhos, protegendo a dignidade humana e promovendo a conciliação da vida profissional com a pessoal e familiar.

1.2 Conceito de participação: agência, imagem da criança

A participação da criança, desde 1911, começou a reger-se por documentos internacionais e legislações nacionais que vieram revolucionar e promover os direitos das crianças enquanto cidadãs ativas.

Na teoria, estes documentos vieram privilegiar capacidades próprias às crianças, como as tomadas de decisões e abertura ao diálogo, valorizando a voz das crianças e considerando-as competentes. Na prática, este direito foi considerado como secundário, principalmente o direito à participação em contextos educativos (Formosinho, 2008).

A agência e a participação, são conceitos que não se traduzem apenas na troca de opiniões, implicando “...uma multiplicidade de (re)significações, (re)construções e

(re)interpretações.” (Tomás, 2007, p.65). Neste sentido, é essencial olhar as crianças como agentes ativos da sua sociedade, permitindo efetivamente que as crianças participem nos processos em questão. A agência pretende reconhecer as crianças como “ser” e “fazer”, passando a serem ouvidas e compreendidas como autoras e agentes.

A participação das crianças é um direito fundamental que permite às crianças serem protagonistas da própria vida, enquanto beneficiam do cuidado e da proteção dos adultos. Como Catarina Tomás afirma, “A participação apresenta-se, então, como condição absoluta para tornar efectivo o discurso que promove direitos e, assim, a promoção dos direitos de participação assume-se como um imperativo para concretizar a criança como sujeito de direitos.” (Tomás, 2007, p.51).

Refletindo acerca da agência e imagem da criança, a cidadania é um exercício indispensável, que dota as crianças para se fazerem ouvir na sociedade e terem uma voz ativa. Na teoria, o exercício da cidadania deveria constituir-se, para as crianças, como um espaço de promoção destes conceitos, no entanto, na prática, estes conceitos não passam de direitos abstratos que as crianças não sabem como os aplicar no seu quotidiano.

Através de documentos como a Declaração Universal dos Direitos do Homem e a Convenção dos Direitos da Criança, entende-se o que são boas práticas de cidadania. A escola, aliada à família e à sociedade, são meios fundamentais para educar para a cidadania, compreendendo a singularidade e diferenças de todos.

Valorizando estes dois conceitos de agência e imagem da criança, ao longo dos tempos tem sido reforçada a necessidade de conseguir que a educação tradicional seja alvo de um processo de inovação, incentivando as crianças a assumir um papel ativo e competente, promovendo a sua participação e a agência, respeitando-as conforme os seus direitos ativos (Tomás, 2007).

1.3 Importância da participação das crianças no contexto educativo

A participação das crianças deve ser realizada e respeitada como um direito contínuo em todos os contextos que estas se inserem. No entanto, no âmbito deste trabalho, pretendemos refletir sobre a participação das crianças em contextos educativos, sem jamais reduzir esta participação a questões formais ou jurídicas.



A escola é, ou pelo menos deveria ser, nas sociedades democráticas atuais, o contexto privilegiado para a participação dos jovens. Isto porque se trata da única instituição que os cidadãos têm em comum nas sociedades ocidentais. Sendo uma comunidade dentro de uma comunidade, com fortes ligações em ambas as direções, é sentida como um local seguro para o exercício da participação cívica e política dos jovens, porque permite a interação com outros diferentes e isso é uma imensa aprendizagem para a vida, sobretudo para a vida democrática. Permite também múltiplas oportunidades de aprendizagem que se expressam em situações em que as crianças/os jovens podem confrontar o poder, negociar conflitos, fazer aliados e adversários, e pensar criticamente. (Piedade, et al, 2020). Percebe-se assim a relevância de refletir sobre o exercício da participação das crianças nos contextos educativos.

Por participação das crianças em contextos educativos entende-se a existência de interações entre adulto-crianças e crianças-crianças para que estas se sintam capazes de se relacionar e interagir, efetivando conhecimentos com valores em si mesmo.

Formosinho (2013) propõe o conceito de Pedagogia-em-Participação enquanto ideologia na educação que deverá promover um espaço democrático incluindo ambientes pedagógicos, de modo que as crianças/alunos desenvolvam as suas próprias aprendizagens, respeitando a inclusão, igualdade, diversidade, responsabilidade social das crianças e famílias e participação das crianças e adultos.

De acordo com Formosinho, (2013):

A Pedagogia-em-Participação é essencialmente a criação de ambientes educacionais em que a ética das relações e interações permite o desenvolvimento de atividades e projetos que, por sua vez, possibilitam às crianças viver, aprender, significar e criar, porque valorizam a experiência, o conhecimento e a cultura das crianças e das famílias, em diálogo com o conhecimento e a cultura das profissionais. (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.13).

É importante, no entanto perceber que a participação das crianças em contextos educativos pode ser facilitada ou obstaculizada por diversos fatores. O papel do adulto, a organização do espaço, do tempo e do ambiente educativo, assim como o respeito pelos interesses e necessidades, podem ou não promover a participação das crianças no contexto educativo, assim como deverá promover diferentes tipos/níveis de participação.



1.4 Níveis/tipos de participação

Consideramos necessário que se promova a reflexão sobre o papel das crianças e sobre o direito do usufruto da participação enquanto cidadãos ativos e participativos.

O tema “participação das crianças” foi-se banalizando, traduzindo-se em qualquer processo que as inclua. No entanto, esta tem diversos significados e é essencial considerar os diferentes tipos/níveis de participação. Autores como Gerison Lansdown (2005), Roger Hart (1992) ou Harry Shier (2001), defendem a existência de diferentes níveis/tipos de participação, diferentes perspetivas que permitem compreender o que se entende por participação e os seus níveis relacionando-os com o contexto educativo, como as salas de aulas ou as salas de atividades.

De acordo com Gerison Lansdown (2005), independentemente dos diferentes contextos, as crianças precisam de oportunidades para formularem as suas dúvidas, preocupações, necessidades e interesses, adotando estratégias tendo em conta as suas idades.

Ainda para este autor, existem três níveis distintos com diferentes graus de participação:

Um *processo consultivo* que se traduz na consulta de opiniões e experiências das crianças, iniciado, dirigido e totalmente controlado pelo adulto, privando as crianças de controlarem o resultado;

Um *processo participativo* que conta com a interação das crianças, influenciando ou questionando o processo e o resultado, no entanto é iniciado por adultos;

Por fim, *processos autónomos* nos quais as crianças têm o poder de influenciar e empreender a ação, controlando todo o processo, em que o papel do adulto é apenas supervisionar e atua como facilitador.

O mesmo autor refere ainda que, é necessário implementar estratégias que incluam as crianças nos processos de planificação, em qualquer um dos níveis já apresentados.

Em relação à inclusão de todas as crianças nestes processos, uma vez que estas compõem sempre um grupo heterogéneo, torna-se relevante que todas as crianças ou

grupos sociais tenham acesso às mesmas possibilidades de participação, respeitando-as e tratando-as de iguais formas, atendendo a todos os contextos culturais.

Roger Hart (1992), propõe uma diferente gradação de níveis de participação, fazendo uma analogia com uma escada de oito níveis, no entanto, sendo os primeiros três níveis considerados de não participação, uma vez que as crianças não são tidas em conta.

Esses níveis iniciam com a manipulação, em que as crianças são ouvidas pelos adultos, mas essas opiniões não são respeitadas, fazendo com que estas se sintam incompreendidas no seu papel.

No segundo nível, decoração, as crianças são utilizadas com função figurativa para determinadas ocasiões, sem elas compreenderem o seu posicionamento a que foram sujeitas.

Por fim, o outro nível considerado como a criança não participante é o tokenismo, no qual as crianças não conseguem expressar a sua opinião nem que esta seja considerada na prática.

Hart (1992) enumera os cinco níveis de “participação genuína” (p.4), explicitando o quarto nível como a *criança mobilizada para a participação informada*, ocorrendo uma efetiva participação das crianças em determinados projetos, idealizados por adultos, informando as crianças da sua realização e participação.

O quinto nível, *criança mobilizada para a participação, consultada e informada* (Hart, 1992, p.4), assenta na elaboração de projetos por adultos, ouvindo e considerando as opiniões das crianças.

Denominado por *projetos da autoria dos adultos, com decisões partilhadas com as crianças* (Hart, 1992, p.4) o sexto nível, em que as crianças colocam em prática projetos idealizados por adultos, mas participando nas suas decisões.

A *criança autora de projetos geridos pelos adultos* (Hart, 1992, p.4) constitui o sétimo nível, sendo que os adultos se debruçam sobre os projetos originados pelas crianças.

Finalmente, no oitavo nível desta proposta estão os *projetos iniciados pelas crianças, decisões partilhadas com adultos* (Hart, 1992, p.4), ou seja, a crianças

continuam a dar início a projetos, no entanto a sua realização é partilhada entre adultos e crianças, nomeadamente na troca de opiniões e decisões.

Harry Shier (2001), baseando-se na proposta de Hart (1992), defende cinco níveis de participação e a sua teoria promove a *aberturas, oportunidades e obrigações*, como diferentes fases de empenho. A abertura assenta na oportunidade de participação, que pode ser condicionada pela falta de oportunidades; as oportunidades significam a concretização das ideias na sua prática, ou seja, sempre que existem recursos disponíveis para trabalhar a participação; as obrigações traduzem-se na ação prática aos compromissos definidos por uma instituição.

O mesmo autor defende ainda que é possível os diferentes níveis assumirem diferentes etapas dos processos de participação, sendo que um docente ou instituição podem estar no mesmo nível, no entanto em distintas fases do processo de participação.

É essencial ter em conta que:

Não há fórmulas que se apliquem a todos os casos e não há modelos ou experiências universais, e é importante considerar que não se podem transpor experiências que funcionam em determinado país ou grupo, sem levar em conta as questões culturais e o contexto. (Tomás, 2007, p.62)

Refletindo sobre estas propostas de Lansdown (2005), de Hart (1992) e de Shier (2001), é possível perceber que a opinião e o envolvimento das crianças nos processos de aprendizagem são essenciais para tornar a criança agente da sua própria vida e dos seus processos, não a olhando como um pequeno adulto, mas sim como cidadãos com saberes, competências e interesses que lhes permitem ter agência nos processos que lhes dizem respeito, nomeadamente os processos educativos.

Percebemos também que, alguns destes autores distinguem diversos tipos de participação, que podem caracterizar-se como uma falsa participação, onde a criança é apenas consultada sobre as suas opiniões ou interesses, como refere Gerison Lansdown (2005) em relação ao *processo consultivo*, e nos primeiros três degraus que Hart (1992) enumera.

1.5 Papel do adulto, promoção e obstáculos à participação das crianças

O adulto torna-se o principal promotor de desenvolvimento das crianças e dos alunos, valorizando as suas crenças, interesses e necessidades. No entanto, na prática nem todos os adultos ou docentes são eficientes na promoção da participação das crianças, vendo-as como essenciais nestes processos. É possível identificar inúmeros obstáculos ou mitos que são colocados como entrave à promoção da participação das crianças, ou o papel que o adulto assume para a sua promoção, ou não.

De acordo com Tomás (2007), esses mitos ou obstáculos enumerados pelos adultos, como encarregados de educação ou docentes, podem passar pela participação das crianças ser vista como “...um desafio ao poder e à autoridade dos pais e da família na maioria das culturas, o que leva muitos pais a temerem a perda ou a diminuição do controle sobre os seus filhos” (Tomás, 2007, p.52).

Neste sentido, o receio pode tornar-se num obstáculo aos docentes ou encarregados de educação, por as crianças/alunos realizarem diferentes tarefas no quotidiano, considerando que possam ter extensos direitos. Os adultos questionam se a participação pode fazer, neste contexto, com que as crianças/alunos se tornem pequenos adultos, devendo ser apenas crianças. A falta de confiança, dos adultos, nas crianças, parece ser um claro obstáculo, assim como o facto dos adultos possuírem escassas competências para falar com as crianças. Além disto, os adultos consideram que as vidas familiares e escolares não estão preparadas para receber crianças com uma participação ativa, neste sentido, as crianças não podem ter direitos que cabem aos adultos porque segundo os mesmos estas não têm as mesmas competências que os adultos.

Como referem Cortesão e Jesus (2020), os inibidores de participação podem também ser causados por momentos de participação aparente que não são realizados da melhor forma, traduzindo-se em falta de interesse e entusiasmo das crianças envolvidas em determinados momentos, como tal, estes inibidores de participação podem relacionar-se por “escutar simplesmente as crianças, sem acolher as suas propostas em processos de decisão”, “envolver as crianças em momentos de escuta através de linguagem não compreensível e estimulante para elas”, “manter a posição hierárquica entre adultos e crianças, olhando as crianças como menos capazes”, “ouvir as crianças pontualmente e em momentos informais, eventos extraordinários, provocados e localizados”, “ficar preso

ao modelo escolar tradicional” ou “não partilhar informação relevante, o que põe em causa a credibilidade das próprias ações perante as crianças, que não acreditam que a sua participação possa gerar resultados concretos” (p.15).

Se pensarmos na educação tradicional, esta baseia-se na transmissão de saberes por parte dos educadores/professores às crianças/alunos, considerando-os como uma tábua rasa, competindo-lhes a memorização e reprodução de conhecimentos, descartando a possibilidade dos estímulos de cada criança influenciar nas suas aprendizagens. Para além disto, estes professores/educadores não diversificam os momentos de aprendizagem, utilizando consecutivamente os mesmos recursos (que passam por fichas, manuais ou cadernos) e nos mesmos espaços, como sala de atividades ou sala de aula (contornando a possibilidade de inovar e despertar novos interesses e estímulos em diferentes espaços, como o exterior das instituições).

Este contexto reduz a riqueza das interações e relações adulto-criança e propicia a seleção precoce das crianças cuja função respondente é apreciada, sobretudo, quando executam com prontidão e exatidão as tarefas reprodutivas que lhe são atribuídas e que cumprem a realização individual de normas referidas à idade. (Oliveira-Formosinho, Formosinho, 2013, p.10)

Apesar de alguns estudos afirmarem que se pode considerar inovação educacional qualquer conceito ou método novo, na realidade a inovação provoca mudanças em práticas atuais, que visam a melhoria de aprendizagem das crianças e dos docentes, privilegiando a solidariedade e o respeito democrático (Jesus & Cortesão, 2021). Pode-se afirmar que inovar na educação é um processo multidimensional, englobando diferentes vertentes na sua concretização. Atualmente, há ainda pouca informação, estudos e iniciativas de inovação, onde se incluam verdadeiramente as crianças/alunos.

Contrariamente, há estudos que refletem o desejo de mudança das crianças relativamente à escola. Este desejo pode tornar-se num processo de inovação educacional, porque, “Quem está ligado à Educação quotidianamente, sabe que o ato de educar implica participar.” (Jesus & Cortesão, 2021, p.5), mas todos sabemos que existem diferentes níveis de participação e que nem todos implicam realmente o reconhecimento das crianças e alunos como capazes de participarem no seu processo educativo.

A participação das crianças não se traduz no autoritarismo que estas adquirem, isto porque, as crianças/alunos que efetivamente participam, desenvolvem capacidade de valorização de opiniões e respeito mútuo. Para além disto, é sabido através do artigo 5.º

da CDC que os pais ou todos os responsáveis pela criança têm o dever de orientá-las de acordo com os seus direitos.

As crianças não têm tantos direitos reconhecidos como alguns adultos acreditam, e, ainda assim, a maioria deles não se concretiza na prática. Torna-se importante esclarecer que não estamos a comparar crianças a adultos, nem a defender que tenham os mesmos direitos e deveres, mas “... as crianças também são actores sociais e a valorização da sua acção e da sua voz é imprescindível na exigência e concretização dos referidos direitos civis e políticos;”. (Tomás, 2007, p.55)

Existe uma certa tensão entre os termos participação e proteção, isto porque alguns adultos consideram que a participação faz com que as crianças se preocupem com questões adultas e não sejam crianças. No entanto, é necessário ter em conta que um desenvolvimento saudável promove a inserção na sociedade, incluindo as crianças no mundo, promovendo as tomadas de decisões, o assumir de responsabilidades e o aumento do sentido crítico, tornando-as protagonistas da própria vida e agentes de transformação da realidade.

Para que a participação das crianças possa de facto acontecer, é necessário identificar não só que obstáculos existem, mas também de que forma se pode promover esta participação. Os espaços, tempos e materiais utilizados pelas e para as crianças/alunos nos processos de participação, deverão ser adaptados tendo em conta a sua linguagem, recursos materiais, planeamento do espaço e organização, repensando nestes fatores e considerando a voz das crianças/alunos.

Considera-se que, nos contextos educativos, o ambiente envolvente é crucial para o desenvolvimento da personalidade, respeitando o acolhimento das famílias e das crianças/alunos. Segundo Lewin (1948), “... o clima social onde as crianças vivem é tão importante para o desenvolvimento do sentimento de segurança como o ar que ele/ela respira.” (citado por Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2008, p.24).

Considerando a organização do espaço pedagógico, tanto em salas de atividades como em salas de aula, é essencial considerar os interesses das crianças e dos alunos na criação do próprio espaço de trabalho, transmitindo bem-estar e alegria.

Manter uma rotina, durante a semana, que respeite as preferências e as motivações das crianças e dos alunos, considerando o bem-estar e as aprendizagens, é significativo

para mantê-los interessados e efetivarem conhecimentos. Os tempos pedagógicos deverão incluir tempos individuais, de pequenos grupos e grandes grupos, abrangendo diferentes áreas de conhecimento.

A organização do ambiente educativo, dos espaços e tempos podem promover a participação das crianças se forem organizados de forma a respeitarmos interesses, necessidades e saberes das crianças, pois,

O espaço e o tempo vividos são relacionais, isto é, a organização, a diversidade, a beleza e riqueza do espaço, dos materiais e do tempo ganham significado através das relações e interações que humanizam o espaço de vida e aprendizagem. (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2008, p.27).

Como defendem Cortesão e Jesus (2020), para facilitar a participação das crianças/alunos torna-se necessário “acolher as ideias das crianças e envolvê-las em processos de decisão sobre aspetos importantes da vida escolar”, “para gerar resultados concretos a sua participação, as crianças necessitam que os objetivos, expectativas, prazos e limitações sejam apresentados com clareza”, “olhar as crianças como parceiros competentes nas decisões que afetam as suas vidas no contexto escolar”, “promover uma escuta regular das vozes das crianças, através da organização de momentos formais em diferentes contextos”, “sair do modelo tradicional de escola, com mudanças nas formas de relação entre adultos e crianças e nos modos de trabalhar” e “construir uma relação de confiança entre todos” (p.14).

A autonomia das crianças pode, deste modo, ser desenvolvida através da participação, tendo sempre em conta que se trata de um processo gradual com diversas aprendizagens, que se vai adaptando à idade, características, saberes e interesses de cada criança/aluno, que se insere no mundo e nas relações de poder.

É crucial manter um equilíbrio entre as necessidades e os interesses, assim como manter a proteção e minimizar os riscos às crianças/alunos. É ainda importante salientar que a comunidade educativa e os encarregados de educação devem manter uma relação saudável, com o objetivo de se integrarem ambos na educação das crianças, com o intuito de caminharem juntos para o mesmo fim.

Torna-se, assim também importante refletir sobre,

Até que ponto a sociedade adulta estará preparada para considerar que, para além da titulação como sujeitos de direitos, as crianças conquistaram também o direito de usufruir da dimensão de cidadãos activos e participativos na sociedade em que estão inseridas? (Tomás, 2007, p.49)



Em suma, a participação das crianças é um tema que ainda gera muitas controvérsias e mesmo receios, no entanto, quando ultrapassada a “...ausência de conhecimento dos direitos da criança pelo público...” (Tomás, 2007, p.56) é possível aplicar direitos políticos, de expressão e de participação no quotidiano das crianças e dos alunos.

Neste capítulo procurou-se refletir e compreender os direitos das crianças/jovens, assim como o importante papel da Declaração Universal dos Direitos das Crianças, as diferentes formas possíveis de participação em contextos educativos e a sua consequente importância no ensino e na sociedade. Foi com base neste enquadramento teórico que se avançou para o terreno e se concebeu o desenho de investigação, no sentido de recolher dados que permitissem perceber *Como é que crianças e os adultos interpretam e implementam a participação em contextos educativos?*. No próximo capítulo, será assim explicitada a metodologia de investigação adotada, assim como serão analisados os dados obtidos através da investigação.

CAPÍTULO II- METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Pertinência da Temática e objetivos

A infância das crianças é passada a participar na própria vida e nas próprias aprendizagens que vão adquirindo, e como defende Catarina Tomás (2007, p.45), é necessário “considerar a infância como uma construção social e a compreender as crianças como actores sociais plenos, competentes, activos e com `voz`”.

O presente relatório de estágio pretende recolher dados que permitam, como já foi referido, responder à pergunta de partida *Como é que crianças e os adultos interpretam e implementam a participação em contextos educativos?*, isto porque, considerando que as crianças têm direitos, e o direito à participação é um deles, torna-se crucial investigar se a participação é efetivamente colocada em prática nos contextos educativos/escolares. Para além disto, é igualmente importante compreender as representações dos docentes e dos alunos sobre este assunto, assim como o que consideram ser a participação, a sua pertinência e importância.

2.2 Procedimentos Metodológicos

2.2.1 Técnicas de recolha de informação

Segundo Augusto (2014, p.3), “A metodologia reside na interação entre teoria e método e lida com questões que moldam o curso da pesquisa.”.

De forma a dar resposta à pergunta de partida, foi utilizada uma metodologia de investigação qualitativa, uma vez que se pretende captar as perceções que os indivíduos têm sobre os conceitos referidos. As metodologias qualitativas permitem focar-se nas participações dos indivíduos, valorizando os seus valores, motivações e opiniões, por outro lado, as metodologias quantitativas restringem os indivíduos a respostas fechadas, sem a possibilidade de as analisar.



De acordo com estas premissas, optou-se pela realização de um estudo de caso múltiplo uma vez que,

O estudo de caso consiste em investigar intensivamente uma unidade singular, acreditando que esta permite perceber de uma forma mais alargada e profunda a realidade que se procura conhecer. Por isso, implica a observação de uma unidade singular através de diferentes perspetivas, utilizando um conjunto de diferentes métodos de observação e de recolha de dados. Reforça-se a ideia de que nenhum método, por si só, pode capturar as características relevantes de uma realidade, e que a combinação de várias formas de olhar a mesma realidade, numa única investigação, permite uma visão que poderá aproximar-se mais da realidade. (Cortesão, 2019, p.36)

Neste enquadramento percebe-se a importância de recorrer a diferentes técnicas de investigação que permitam captar a realidade estudada de diferentes perspetivas. Neste estudo, optou-se assim por realizar: análise documental: dos documentos orientadores das instituições educativas (fazendo uma caracterização de cada instituição), observação participante, em dois contextos (pré-escolar e 1.º CEB), grupos de discussão focalizada e entrevistas.

Este tópico pretende, assim apresentar os procedimentos metodológicos, para a compreensão da pertinência da participação das crianças em contexto educativo/escolar, definindo as etapas a desenvolver e as metodologias adotadas, possibilitando desta forma a reflexão desta problemática, através da análise das notas de terreno da observação participante, da análise dos documentos estruturantes dos estabelecimentos educativos e da análise das respostas às perguntas previamente definidas nos grupos de discussão focalizada.

2.2.2 Análise documental

Analisar os documentos estruturantes do agrupamento e da escola, como o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno e o Referencial de Avaliação Pedagógica, são imprescindíveis para compreender o funcionamento das instituições e os momentos em que a participação dos alunos é considerada ou inserida no seu quotidiano. Assim, utilizou-se a análise documental, “uma metodologia de investigação científica que utiliza procedimentos técnicos e científicos específicos para

examinar e compreender o teor de documentos de diversos tipos, e deles, obter as mais significativas informações, conforme os objetivos de pesquisa estabelecidos”. (Junior, et al, 2021, p.37)

2.2.3 Observação participante

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada II e III, foram realizadas observações diretas, “... em que o investigador procede directamente à recolha de informações, sem que haja intervenção dos sujeitos observados.” (Quivy, Van Campenhoudt & Santos, 1992, p.19). Estas observações visam captar momentos espontâneos e salientam a autenticidade dos dados recolhidos.

A observação participante é uma técnica de recolha de informação que geralmente é utilizada em simultâneo com outras técnicas, neste caso com grupos de discussão focalizada e análise documental.

A observação direta destina-se a analisar e a confrontar factos de dados obtidos, isto porque, o objetivo da observação participante vai além de uma simples observação, é necessário contextualizar a situação consoante o sentido, a orientação e as dinâmicas. A observação participante realizada, permitiu assim, fazer uma triangulação dos dados obtidos através do grupo de discussão focalizada ou através da caracterização da escola.

O observador pode intitular-se como investigador durante todos os momentos de em que este realiza o seu trabalho de campo, sendo possível ocorrer a longo ou curto prazo de tempo (Marques, 2016). Para além disto, o investigador deve refletir e consciencializar-se acerca dos diferentes estereótipos culturais.

É importante salientar que o campo desta análise está circunscrito a toda a comunidade escolar, uma vez que a participação dos alunos se pode estender a todo o espaço escolar em inúmeros contextos, como a participação em sala de aula, a participação com toda a comunidade escolar ou a participação em eventos (como dias festivos, visitas de estudo ou feiras).

Considerando a questão de partida já mencionada, faz sentido adotar um estabelecimento de ensino como um terreno empírico de estudo, assumindo a escola como um espaço de participação ativa, dos docentes e dos alunos.

Isto porque, de acordo com Sarmiento (2011) considerando uma “investigação educacional, as unidades que originam os estudos de caso são, normalmente, as organizações escolares ou um ou vários(as) alunos(as) ou um ou vários(as) professores(as).” (p.2) Assim, e ainda de acordo com Sarmiento (2011, p.3), "Os `estudos de caso´ de escolas são, portanto, um formato metodológico que deve a sua divulgação, antes de mais, ao facto de perspectivarem holisticamente as unidades organizacionais, ...".

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, foram realizadas diferentes Práticas de Ensino Supervisionadas, duas em Pré-escolar e duas em 1.º CEB. A possibilidade de integrar esta investigação nos estágios permitiu ter um olhar mais contextualizado acerca dos dados que recolhidos, procurando perceber a verdadeira participação dos alunos nas realidades investigadas.

2.2.4 Grupo de discussão focalizada

Considerando o tema global *participação das crianças*, considerou-se necessário compreender a perspetiva e o impacto que este tema tem na vida das crianças e dos docentes. Para isso, através de grupos de discussão focalizada pretendeu-se estudar diferentes casos, um em Pré-escolar e dois em 1.º Ciclo de Educação Básica, em contextos educativos, a alunos e docentes, nomeadamente nas instituições onde foram realizadas as Práticas de Ensino Supervisionadas II, III e IV. A investigação realizada na PES IV foi posteriormente equacionada de forma a ser possível comparar ciclos, uma vez que, neste contexto a vivência da participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem era muito diferente da que foi observada no contexto da PES II.

Os grupos de discussão focalizada tiveram como objetivo compreender a pertinência da participação dos alunos e a visão que os docentes têm sobre este tema, em contextos educativos, nomeadamente a importância e o poder que esta palavra tem no quotidiano dos alunos e dos docentes.

A investigação através de grupos de discussão focalizada permite-nos aproximar da realidade dos indivíduos, dando-lhes voz e refletindo acerca dos seus problemas, como referem Souza Minayo e Costa, 2018, p. 14:



A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral ao específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador que seja capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e cada um dos participantes, explorando o que há de original nos entendimentos e nas controvérsias, aprofundando-os.

Neste sentido, os grupos de discussão focalizada possibilitam agrupar interesses comuns em determinados assuntos, como o da *participação*, o que possibilita a troca de opiniões ou características comuns, originando discussão entre os grupos, alunos ou docentes, criando oportunidades promotoras de participação.

2.2.5 Entrevista

Considerando que a professora titular de cada grupo tem a possibilidade de fomentar a participação e influenciar diretamente os tipos de participação existentes em cada sala, torna-se essencial realizar uma entrevista.

Através da entrevista é possível recolher dados qualitativos e compreender as perspetivas dos participantes.

Face a estas potencialidades, a entrevista parece constituir um instrumento de recolha de dados primordial no campo da excelência, quer pela novidade do tema, quer por permitir explorar, de forma aprofundada, o processo de aquisição e desenvolvimento da excelência através dos relatos, percepções e significados atribuídos pelos próprios. (Araújo, Cruz & Almeida, 2001, p.255)

Cada técnica de recolha de informação tem os seus objetivos de investigação, para a entrevista são realizadas questões de partida que devem promover a partilha de perspetivas.

A entrevista foi uma técnica de recolha de informação utilizada na Prática de Ensino Supervisionada IV, em 1.º CEB, de forma a compreender o que a professora titular da turma entende por participação e quais as formas utilizadas para a promover.

2.3 Investigação em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1 Contexto da investigação

Primeiramente torna-se crucial contextualizar a primeira escola na qual foi realizada a investigação, na PES II. Situa-se no distrito do Porto e pertence à rede de escolas públicas, além disto, torna-se essencial dizer que estes documentos acima referidos, pertencem ao Agrupamento e por isso são muito generalizados a todas as escolas pertencentes a este.

Seguidamente serão analisados os documentos orientadores para que seja possível refletir acerca da participação dos alunos na instituição.

O Regulamento Interno enumera o tipo de competências que um docente titular de turma deve ter, assim como os direitos e deveres dos alunos. Posto isto, é referido que cada docente deve adequar as aulas aos seus alunos e às suas necessidades individuais, alcançando novos conhecimentos e ultrapassando as dificuldades. Os concelhos de turma são igualmente enumerados neste documento, sendo apenas referida a necessidade de representantes a partir do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Por fim, a participação dos alunos é mencionada através dos deveres dos alunos, como o dever de participar nas atividades desenvolvidas pela instituição, representações e eleições de delegados e subdelegados de turma, ou assembleias de turma.

Refletindo acerca deste documento, a participação dos alunos no quotidiano escolar desta instituição é mais realçada a partir de alunos do 2.º Ciclo de Ensino Básico, em conselhos de turma.

O Projeto Educativo define a instituição e o Agrupamento, enumerando as escolas pertencentes ao mesmo e os ciclos de ensino de cada instituição. Relativamente à participação, este documento refere interações entre a comunidade educativa e estratégias que ajudem a promovê-las, como a realização de reuniões, parcerias entre a instituição e a Associação de Pais ou participação em concelhos de turma, culminando apenas na participação dos Encarregados de Educação. Além disto, este documento define as finalidades educativas, valorizando a cultura portuguesa, a língua e uma constante formação da comunidade educativa.

O Plano Anual de Atividades prevê e enumera atividades a realizar ao longo do ano letivo, no entanto, é possível concluir que os alunos são destinatários e os docentes titulares são os organizadores, descartando a envolvimento e a participação dos alunos, que é inexistente.

O Referencial de Avaliação Pedagógica pretende descrever os processos de avaliação. Neste documento é possível concluir que os alunos são incluídos neste processo, através da auto, hétero e coavaliação. A inclusão dos alunos neste processo torna-se importante uma vez que são eles os avaliados, proporcionando uma compreensão e consciência de ambas as partes (avaliados e avaliadores), promovendo uma maior percepção das facilidades ou dificuldades dos alunos como seres individuais.

Refletindo acerca dos documentos acima analisados, é possível concluir que a participação dos alunos e dos Encarregados de Educação é somente incluída em pequenos pormenores, e parece surgir como sendo uma participação imposta. Além disto, em nenhum destes documentos é referida a participação dos alunos nos seus processos de aprendizagem, nem na possibilidade de se exprimirem livremente, dando sugestões acerca destes processos.

2.3.2 Participantes

No contexto da PES I realizada na valência de 1º CEB, foram consideradas todas as pessoas que constituíam a comunidade escolar, de forma que fosse possível colocar em prática quatro métodos de investigação. Foi com esta população que se realizou o período de observação participante, fazendo notas de terreno sobre a experiência de participação na instituição, fazendo registos de observação e reflexões sobre a experiências de ensino realizada.

Este período de observação participante permitiu ir conhecendo o terreno, os participantes e as diferentes dinâmicas que forma decorrendo. No entanto sentiu-se a necessidade de aprofundar mais a recolha de informações sobre questões que se foram revelando importantes. Foi neste contexto que se percebeu a importância de realizar grupos de discussão focalizada com alunos e com professores, no sentido de recolher dados sobre as perspectivas destes sobre as dinâmicas de participação observadas.



Dialogando com a professora cooperante do estágio e com a coordenadora da escola acerca da possibilidade de realizar os grupos de discussão focalizada, foi dado todo o apoio.

No grupo de discussão focalizada com os alunos, foram agrupados vários alunos de três níveis de ensino diferentes, nomeadamente 1.º ano, 2.º ano e 4.º ano. Para além disto, reuniram-se alunos de duas turmas de 4.º ano, integrando diferentes opiniões e vivências, comparando-as. Cada turma teve a presença de 1 ou 2 alunos no grupo de discussão focalizada, contabilizando no total 7 alunos, do sexo feminino como masculino. Para isto foram realizados consentimentos informados

Os alunos foram selecionados considerando diferentes tipos de participações em sala de aula, havendo a oportunidade de discutir diferentes perspetivas entre todos.

No apêndice A é possível consultar o consentimento informados enviados para os encarregados de educação dos alunos e no apêndice B o consentimento informado para as docentes.

Ainda na mesma instituição foi realizado outro grupo de discussão focalizada com docentes, nomeadamente com a coordenadora da instituição, uma professora titular de uma turma mista com alunos de 1.º ano e 2.º ano, e duas professoras de 4.º ano. A seleção destas docentes teve em vista as diferentes funções na instituição, como a coordenadora que atualmente não leciona, a professora que orienta dois níveis de ensino numa só turma, e as professoras de 4.º ano que poderão ter pontos de vista díspares, ou não.

2.4 Investigação em contexto de Pré-escolar

2.4.1 Contexto da investigação

Uma vez que o segundo momento de investigação aconteceu num colégio privado do distrito do Porto, é imprescindível analisar os documentos orientadores desta instituição com o intuito de compreender a importância atribuída à participação da comunidade educativa.

O Plano Anual de Atividades encontra-se dividido por períodos, e foi realizada pelas educadoras e coordenadora de Pré-escolar. Ao longo deste documento é possível

analisar diferentes momentos de aprendizagens que estão planejados desde o início do ano letivo. As diferentes atividades estão organizadas pela data de acontecimentos, pelo título da atividade, pelos objetivos, as estratégias que serão utilizadas, o local e os intervenientes e destinatários. Os intervenientes e os destinatários estão agrupados no mesmo tópico dificultando a compreensão e análise, de quem organizou e para quem se destina o momento em questão.

O Projeto Educativo está organizado em sete grandes tópicos, o contexto, a identidade, visão e missão, modelo pedagógico, plano académico, pastoral e abertos ao futuro. Este documento destina-se a toda a comunidade educativa e pretende enaltecer os objetivos e a missão desta instituição. Em relação à participação das crianças/alunos esta instituição refere que defendem uma sociedade nova, justa, que promova a democracia e a participação. Refere ainda que se esforçam para assegurar uma promoção de participação, de cidadania, e de relação com o mundo exterior, incentivando ao pensamento crítico. A pedagogia utilizada pelo colégio é a pedagogia ativa, valorizando a ação e a reflexão, partindo da participação ativa e motivada para efetivar conhecimentos e desenvolver capacidades. Outro aspeto importante que é diretamente referido neste documento é a relação escola-família, convidando os encarregados de educação a fazer parte de todos os momentos da instituição. Por fim, este documento enaltece que a instituição trabalha com todos aqueles que a integram, privilegiando a comunicação e participação de todos os membros da instituição.

O Regulamento Interno é um documento que prevê esclarecer as regras de funcionamento da instituição, os direitos e deveres dos alunos e a forma como este colégio se organiza. Considerando a participação neste documento, o direito dos alunos refere a necessidade de os alunos criticarem ou sugerirem aspetos relativos ao funcionamento da instituição, e o dever de todos os professores, diretores de turma ou a administração os ouvirem. Ainda nos direitos dos alunos é referida a inclusão dos alunos nas próprias avaliações, dando exemplos da auto ou heteroavaliação. Nesta escola os alunos são representados por delegados e subdelegados, no entanto só a partir do 1.º CEB.

Através destes documentos (PAA, RI e PE) foi possível realçar os aspetos considerados mais importantes relativamente à participação das crianças nos contextos educativos, como a promoção da democracia e da participação no quotidiano das crianças na instituição. Além disto, esta instituição prepara as crianças enquanto agentes da sociedade, fazendo-as a pensar criticamente para o mundo exterior.



2.4.2 Participantes

Esta investigação aconteceu durante o processo de PES II em Educação Pré-escolar e foram utilizados, tal como contexto da investigação no 1.º CEB, após a análise documental, a observação participante através de registos de observações, reflexões e grupos de discussão focalizada a docentes e crianças.

A realização dos grupos de discussão focalizada, contou com a participação da coordenadora de Pré-escolar da instituição de forma a compreender a melhor forma de organizar estes momentos.

Para a concretização do grupo de discussão focalizada das crianças foram consideradas 4 salas de atividades diferentes com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade. Foram selecionadas crianças com diferentes tipos de participação em sala de aula e crianças com diferentes educadoras para se tornasse possível a maior diversidade de opiniões. No apêndice C está presente o consentimento informado enviado para os encarregados de educação das crianças e no apêndice D o consentimento informado para as docentes.

O grupo de discussão focalizada das educadoras englobou todas as educadoras da instituição, um total de 6 profissionais. Todas as educadoras apresentam características profissionais distintas e com tempo de serviço bastante díspares. Estas diferenças podem ser vantajosas na análise de dados, uma vez que as educadoras podem divergir nas estratégias que implementam na sala de atividades e nas suas opiniões. Além disto, é importante analisar de que forma a participação é, ou não, implementada nas salas, com grupos de idades iguais ou grupos mistos.

2.5 Investigação em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.5.1 Contexto da investigação

De forma a complementar a informação e as conclusões já obtidas, foi analisada uma segunda instituição de 1.º CEB, durante a PES IV, situando-se esta escola no distrito do Porto e sendo de carácter privado.

Esta instituição não disponibiliza o Referencial de Avaliação Pedagógica e por esse motivo apenas serão analisados o PE, o PAA e o RI.

O RI desta instituição pretende apresentar as normas de organização interna, em concordância com os ideários e identidade do colégio. A comunidade educativa é considerada quando aspetos úteis como as regras e informações gerais do seu funcionamento são incluídos neste documento.

É ainda referido neste documento que, os professores de 1.º CEB são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sendo as planificações e a implementação e avaliação das suas aprendizagens, valorizando a comunicação entre escola-família.

Nos deveres dos alunos é mencionada a importância da participação dos alunos nas diferentes atividades realizadas ao longo do ano letivo. No mapa de organização escolar, na equipa de inovação pedagógica, está previsto existir um coordenador que fomente a Inovação da Gestão de Currículo e a Participação das Crianças.

O PE defende a participação de crianças no desenvolvimento de projetos de aprendizagem em diferentes áreas de conteúdos. Quanto à avaliação dos alunos, os conselhos de turma e os professores titulares têm a exclusiva responsabilidade de aprovar os critérios específicos de avaliação, considerando empenho, atenção e participação nas aulas.

O Plano Anual de Atividades não está disponível, uma vez que apenas existe um documento partilhado em docentes de 1.º CEB, e é totalmente editável ao longo do ano letivo.

Esta instituição valoriza a participação dos alunos no quotidiano, e o facto de não existir um PAA pré-definido no início do ano letivo permite realizar alterações considerando os interesses e necessidades de cada grupo/turma da instituição.

2.5.2 Participantes

Os dados recolhidos nesta segunda investigação em 1.º CEB pretendem retirar novas conclusões, comparando-as com as investigações anteriormente realizadas em pré-escolar e 1.º CEB.

De forma a captar novos dados de investigação, foi realizado um grupo de discussão focalizada com alunos da mesma turma, utilizando questões estratégicas para que fosse possível comparar resultados ou retirar novas conclusões.

Este grupo de discussão focalizada foi realizado numa turma de 4.º ano de escolaridade e contou com a presença de 7 alunos. Os alunos escolhidos tiveram em consideração os diferentes tipos de participação em sala de aula, culminando numa partilha diversificada.

Por fim, e de forma a compreender a posição da professora titular em relação ao tema da participação das crianças em contexto educativo, foi realizada uma entrevista à mesma, de forma a complementar os dados recolhidos no grupo de discussão focalizada aos alunos.

CAPÍTULO III- DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

3. Apresentação dos dados

3.1 Registos de observações- 1.º CEB

Como previamente já foi referido, ao longo da PES I em 1.º CEB, foram realizadas observações sobre a participação dos alunos em contexto educativo, por isto, irão ser apresentados momentos de observação dentro e fora da sala de aula. A observação diária de diferentes momentos pode ser relevante para a reflexão acerca da participação e para comparar a sua prática com a teoria, neste caso com os grupos focais.

Refletindo sobre o contexto de sala de aula e focando na parte visual, as paredes da sala que deveriam espelhar o trabalho desenvolvido pelo grupo e pela docente, não tinham uma grande quantidade de trabalhos expostos, e os mesmos ainda acompanharam o decorrer do ano letivo. A maioria dos trabalhos expostos eram de expressão plástica, e as produções artísticas realizadas pelos alunos eram iguais para todos, sem a possibilidade de realizar adaptações considerando os diferentes alunos. Com isto, podemos perceber que parece existir uma não participação dos alunos nos seus próprios trabalhos.

Através do apêndice E é possível visualizar um cartaz alusivo à estação do ano vigente naquela data, a primavera. Foi possível observar a realização deste cartaz no início da Prática de Ensino Supervisionada, mantendo-se em exposição até ao final do estágio. Relativamente à sua realização, a docente titular da turma forrou com papel de cenário, pintou-o, colou alguns elementos e distribuiu outros como desenhos de flores e borboletas aos alunos, solicitando que os pintassem. Analisando este momento de acordo com os ideais de Roger Hart (1992), este ato poderia enquadrar-se no segundo nível de não participação, isto porque, os alunos tiveram uma função figurativa, uma vez que não foram envolvidos no processo de organização desta atividade, participando de forma condicionada.

Ainda noutra parede da sala é possível visualizar que esta está completa com posters previamente realizados pelas editoras dos manuais escolares (apêndice F). Não é possível enquadrar este ato em nenhum nível de participação já apresentado, uma vez que a opinião dos alunos não foi questionada.

A participação dos alunos ao longo das aulas teóricas observadas era restrita a uma sequência de pergunta-resposta. As aulas lecionadas eram realizadas com os mesmos

métodos, utilizando sempre os mesmos recursos, sendo que os alunos não eram questionados acerca das suas preferências de ensino, sendo visível uma falta de interesse e desconcentração por parte dos alunos. Analisando as estratégias durante os meses de estágio observados, não se desenrolou nenhum momento de reflexão entre professores e alunos acerca das formas de avaliação nem das formas de ensino.

As regras da sala não estavam expostas, mas, era um conceito diariamente mencionado pela docente. A não exposição destas regras pode impedir o desenvolvimento de determinadas capacidades, como a opinião crítica, reduzindo as oportunidades de debate entre a turma, uma vez que os alunos eram capazes de desenvolver, discutir e compreender a importância das regras no contexto educativo. Eventualmente, se algum aluno não respeitasse alguma regra pré-definida pela docente, sofria uma sanção que geralmente era ficar sem a possibilidade de usufruir do tempo de descanso, o intervalo.

Segundo Harry Shier (2001), a participação deverá promover *aberturas, oportunidades e obrigações*, no entanto, perante as situações acima descritas não existiram oportunidades de abertura, culminando em faltas de oportunidades de participação, devido à escassa comunicação entre professora-alunos.

Em contrapartida, a docente responsável por esta turma aplicava alguns trabalhos práticos de grupo e reorganizava a sala sempre que considerasse necessário, para que existisse um ambiente propício ao trabalho de equipa.

Salientando a participação global dos alunos no espaço envolvente, era possível concluir que as regras eram decididas tanto pelas professoras, como pelas auxiliares de ação educativa, tanto nas salas de aula, como nos momentos de brincadeira livre.

Refletindo agora acerca da participação da comunidade em dias festivos, é importante salientar que todas as decisões de realizar festejos ou não, vieram por parte das docentes responsáveis pelas turmas, ou pela direção. Por exemplo, as visitas de estudo realizadas ao longo do ano letivo eram sugeridas pela coordenadora da instituição e aprovadas pelas docentes de cada turma.

A feira da flor, realizada com o objetivo de angariar dinheiro para a viagem de finalistas, foi destinada aos encarregados de educação e pensada e programada pelas docentes. As flores foram compradas e escolhidas pelas docentes, a forma como o evento

decorreu e a sua organização foi de igual forma selecionado pelas professoras. Os alunos não interferiram neste momento convívio entre a comunidade educativa.

Remetendo à festa de finalistas, esta era destinada dos alunos para os encarregados de educação e era composta por duas turmas de 4.º ano. Este momento decorreu no local escolhido pelas docentes, a escola, com entrega de cartolas e diplomas todos iguais, incluindo o canto de duas músicas, o “Hino de finalistas” escolhido pelas docentes titulares e uma música em inglês, integrando a interdisciplinaridade, selecionada pela professora que lecionava inglês nas Atividades Extracurriculares.

Finalizando, dias como o “Dia da Mãe”, o “Dia do Pai”, ou a festa de finalista, que a instituição considerou importantes a serem celebrados, realizaram-se sem os alunos puderem partilhar o que idealizaram para estes momentos.

3.2 Grupos de discussão focalizada- 1.º CEB

3.2.1 Grupo focal- Alunos

Neste grupo focal foi possível ouvir e partilhar opiniões acerca do que as crianças pensavam sobre a participação em contextos educativos. Foram colocadas questões ao grupo para que se iniciasse um debate acerca das diferentes vivências e convicções dos alunos, (visualizar o guião utilizado no apêndice G).

Iniciando este momento, foi colocada uma questão acerca do conceito de participação. O grupo mostrou não conhecer o significado deste conceito, tendo sido referido por um aluno que “é quando a gente participa”, mas referiram que a participação está condicionada à permissão de superiores.

Seguidamente discutiu-se com os alunos a ideia de que a participação era um direito, sendo que, apenas uma criança referiu que já conhecia os direitos das crianças. Todos os outros elementos do grupo não reconheciam a participação como um direito.

À questão “Quem acha que as crianças devem falar ou estar em silêncio na sala?”, todos os alunos concordaram que devem “estar em silêncio para ouvir os professores e aprender mais”. Foi acrescentado ainda por alguns alunos que, apenas podem falar com autorização da professora, “têm de estar em silêncio para poder ir para o recreio”, ou que

só podem falar no recreio. Questionados ainda acerca da forma como participam na sala de aula, referiram todos em simultâneo que tinham de pedir colocando o dedo no ar.

Seguidamente foi pedido ao grupo para que assumissem que participavam voluntariamente e ativamente nas aulas, questionando-os se poderia ser sobre um tema aleatório. A maioria dos alunos concordou que não se deve participar sobre um tema indefinido, mas sim sobre a aula que estiver a decorrer, por exemplo, “Se estivermos a falar de matemática e falares de português, aí não faz sentido, ou só no recreio é que podemos falar de qualquer coisa”.

Interrogados acerca de quem deve pensar e redigir as regras da sala de aula, o grupo divergiu nas opiniões. Uma criança referiu que “... podia ser os alunos, era mais criativo”, por outro lado, algumas crianças frisaram que deveriam ser os professores porque “... os professores metem ordem na sala de aula ou os professores inventam regras”. Concluindo esta questão, uma criança referiu que deveria ser uma tarefa realizada em grupo, “... meio meio, porque os professores metem ordem na sala de aula mas também há os delegados e subdelegados de turma”.

O grupo foi ainda interrogado sobre os espaços da instituição em que podiam participar, tendo sido referido apenas por dois alunos que podia ser em qualquer espaço físico, “Podemos participar em tudo”. Outros elementos do grupo referiram espaços e momentos específicos, como o pavilhão, o espaço exterior, a sala de aula e as atividades extracurriculares, sendo possível concluir que existe uma participação controlada.

O grupo referiu que a voz deles era, às vezes, ouvida, respeitada e considerada no quotidiano, foi possível ouvir comentários como “Eu acho que sim, principalmente na sala, e, mais ou menos, algumas coisas sim”.

Questionando o grupo acerca dos benefícios da participação, as crianças referiram que “... nós aprendemos mais e aplicamos conhecimentos”, tendo consciência do que é mais significativo para as suas aprendizagens.

Articulando com as formas de avaliação, algumas crianças mencionaram que apenas eram informadas acerca dos resultados obtidos nas fichas de avaliação, outras relataram que a professora lhes dava voz para exprimirem a sua opinião. Um aluno referiu “Não. A nossa professora pede quando é para pôr as notas nas fichas de expressões.”, outro aluno disse, “A nossa opinião não, mas mostra-nos as notas.”, sendo que por outro lado um aluno afirmou que “A nossa sim.”.

Invertendo os papéis de aluno-professor, as crianças foram desafiadas a pensar no que mudariam na participação que os docentes lhes promovem. Foi possível ouvir várias respostas como “eu mudaria as regras, deixava os alunos trocar de lugares e conversar sobre a matéria, ou os alunos não podiam discordar porque qualquer opinião está correta”.

Focando nos tipos de participação, o grupo referiu em concordância que quando lhes é dada a possibilidade de participar estas são participações orientadas, acrescentando que acreditam serem orientações positivas. Foi possível ouvir que “Não podemos fazer tudo como nós queremos”, “Depende, se a professora gostar da ideia ela diz que sim”, ou, “Tudo é escolha do professor”.

Concluindo, e de forma a tentar compreender o tipo de participação existente nas diferentes salas, foi questionado ao grupo se sabiam o que eram assembleias. Apenas uma criança afirmou positivamente, explicando como decorria este processo na sua sala de aula, “É uma reunião de turma em que falamos sobre aspetos positivos ou negativos, dificuldades ou sugestões na turma, relativamente àquela semana. Todos davam opiniões, e tinha de ser eleito um secretário de turma, como nas eleições”. Sendo novamente o grupo questionado sobre este momento de partilha de opiniões, todos afirmaram ser vantajoso existir um momento como este “porque é o único dia da semana que podemos dizer as nossas dificuldades ou sugestões”.

Através desta partilha de opiniões as crianças puderam expressar que no quotidiano devem seguir regras implementadas pelos professores ou auxiliares de ação educativa, condicionando a participação e o pensamento crítico dos alunos. Ao longo deste diálogo foi ainda possível concluir que a maioria dos alunos não sabe definir o que é a participação, podendo ser justificado pelo facto de apenas existirem momentos condicionados. A aprendizagem das crianças era realizada de acordo com os objetivos das professoras titulares, sendo que os alunos frisaram que não eram consultados nas suas avaliações. Foi ainda referido por alunos, que estes não se podem exprimir livremente pois não podem ter opiniões contrárias. Posteriormente foi acrescentado que as assembleias semanais realizadas por uma estagiária era o único momento em sentiam que podiam partilhar opiniões ou dificuldades e sugestões.

Concluindo, os alunos compreendem que a participação nas próprias aprendizagens é vantajosa, identificando que aprendem mais e aplicam conhecimentos com mais facilidade, no entanto referem que os adultos não são flexíveis às suas

preferências. Os alunos apenas reconhecem a participação que lhes é permitida ter, estando condicionados por diferentes regras estabelecidas pelos adultos, não sendo possível discuti-las em grupo.

3.2.2 Grupo focal- Docentes

Este grupo focal (guião apêndice H) teve como principal objetivo debater técnicas e estratégias que as docentes implementam ou implementaram com os seus alunos, acerca da participação. Além disto, esta partilha de ideias permite compreender e comparar com o grupo focal dos alunos a importância que a participação dos alunos tem no quotidiano em contexto escolar.

Iniciando este diálogo, foi questionado aos docentes o que consideram ser participação, tendo sido respondido que “É um conjunto de pessoas que participam numa instituição, neste caso, os pais, a comunidade educativa, os alunos, os próprios professores”, foi ainda acrescentado por outra docente que era “Participar nas atividades, talvez por ser educadora de educação especial, mas tem a ver com cooperar, colaborar, é estar incluído, integrados”. Esta resposta foi de encontro com a segunda questão, “O que é participar na escola?”, tendo sido acrescentado a cooperação entre grupos.

Focando nos participantes da escola, as docentes concordaram que seriam “Todas as parcerias”, ou seja, todos os que permitem o bom funcionamento da instituição.

Seguidamente foi questionada a importância da participação em contexto educativo, tendo sido apenas explicada a importância da participação da comunidade exterior à instituição, como os encarregados de educação. Foi defendido pelas docentes que a participação é positiva, mas com algumas condicionantes. “É importantíssimo, porque se a comunidade exterior trabalhar dentro da escola, estamos a trabalhar um conjunto de valores económicos, sociais dentro da nossa escola”, sendo que foi acrescentado por outra docente, “Quando sabemos trabalhar todos com o mesmo fim é muito fácil, quando há fatores externos à escola que queiram interferir na escola, isso não concordo, é uma participação negativa. Aí temos de alertar quem está fora, quem quer participar, que há determinado tipos de condições de participação”. Conclui-se assim que,

na conceção destas docentes, a participação só é positiva quando são elas a definir o que é participação.

Torna-se inevitável evidenciar que, até aqui, não há nenhuma referência à participação das crianças, mas sim à participação de outros agentes educativos.

Aliando a participação à avaliação, foi questionada a oportunidade de os alunos participarem nas suas avaliações, sendo que as docentes responderam que sim, através da “... hetero e autoavaliação e depois a avaliação formativa”.

Questionando acerca dos alunos puderem escolher os conteúdos a lecionar, as docentes demonstraram agrado, justificando que os alunos são o centro da aprendizagem, sendo positivo partir das potencialidades de cada um deles, enaltecendo que “O processo é muito maior quando partimos das potencialidades do aluno”.

Posteriormente foi abordado o tema da participação e da oportunidade de os alunos opinarem nas respetivas aulas, sendo que foi referido que ao longo do ano letivo existiam momentos destinados à partilha de opiniões e ao desenvolvimento de novos projetos, foi afirmado por uma docente que “Eles são muito participativos e são muitas vezes chamados às discussões, não só nas nossas aulas como em vários projetos que nós temos, eles são o centro da aprendizagem, o foco são eles, não somos nós”.

De acordo com a opinião das docentes, a participação ativa influencia positivamente o processo de aprendizagem dos alunos, sendo que “... um aluno que não participa é um aluno apático...”.

Finalizando o grupo focal, as docentes referiram os principais obstáculos à participação dos alunos em contextos educativos enumerando, “Não saber participar”, “..., os pais”, “falta de democracia, saber respeitar a opinião do outro” e “Eles são muito parados”, referindo-se aos alunos. Com estas respostas é importante refletir sobre quem é que ensina a participar e quem permite ou determina espaços de participação, isto porque, são as mesmas pessoas que afirmam que as crianças não sabem participar.

Analisando as respostas obtidas, as docentes concordaram que a participação é uma vantagem para a aprendizagem dos alunos em contextos educativos. No entanto salientam que a participação de pessoas ou organizações externas à instituição podem ser condicionadas ou negadas se não estiverem de acordo com os princípios destas docentes.

3.3 Discussão dos resultados- 1.º CEB

A discussão de resultados prevê comparar conteúdos abordados nos registos de observações e nos grupos focais dos alunos (transcrição apêndice I) e dos docentes (transcrição apêndice J). Através dos grupos focais é possível comparar níveis de participação em diferentes salas da mesma instituição, considerando os comentários dos alunos e das docentes.

Analisando os registos de observações e considerando o mencionado acerca dos trabalhos expostos, dos dias festivos (como o dia do pai e dia da mãe) e da festa de finalistas, é possível afirmar que não existiu oportunidade de as crianças desenvolverem criatividade e autonomia nas suas produções. Segundo Roger Hart (1992) esta participação tem uma função figurativa, já Gerison Lansdown (2005) defende que, uma vez que as crianças não podem opinar nem controlar o resultado final, estes momentos encontram-se no processo consultivo.

Refletindo acerca dos métodos de ensino, das formas de avaliação, das regras da sala e de alguns momentos festivos entre a comunidade educativa, como a feira da flor, não existiram momentos em que as crianças tivessem a possibilidade de exprimir a sua opinião. Posto isto, não existiram quaisquer momentos de participação dos alunos nestas situações.

Agrupando as respostas dadas pelos alunos e pelas docentes nos grupos focais, podemos refletir que as docentes referiram que os alunos participavam nas avaliações através das heteroavaliações, autoavaliações e avaliação formativa, já alguns alunos referiram que apenas eram informados acerca dos resultados obtidos nas avaliações estipuladas previamente pelas professoras. Neste sentido, as docentes e os alunos divergiram nos exemplos dados.

Acerca dos conteúdos lecionados e contrariamente ao que dizem os dados recolhidos através da observação participante, as docentes afirmaram que os alunos estão no centro da aprendizagem e que por esse motivo todas as aprendizagens partem das suas potencialidades. Por outro lado, as crianças afirmaram que nem sempre sentem que as suas opiniões são reconhecidas.

Apesar das docentes afirmarem que o aproveitamento é maior quando partimos das potencialidades dos alunos e que são o centro da aprendizagem, na realidade, o que

foi observado, é que os momentos de auto e heteroavaliação referidos, não são minimamente considerados nas avaliações finais. Assim como afirmam que partem das potencialidades dos alunos para lecionar, os conteúdos seguiam sempre a ordem dos manuais escolares.

Quando confrontados com a palavra participação, os alunos disseram que não podem participar em tudo, e que não reconheciam este conceito como um direito das crianças. Confrontando este diálogo dos alunos com as respostas dadas pelas docentes à questão “Quem pode participar na escola?”, as docentes referiram inúmeras instituições sem referir os principais protagonistas, os alunos, sendo possível interpretar que naquela instituição os alunos podem não ser o centro da participação.

A criança 5 demonstra várias vezes compreender o que é participar, reconhecendo-o como um direito das crianças. Na sala de aula desta criança eram implementadas assembleias semanais por uma professora estagiária, com o objetivo de discutir assuntos que considerassem relevantes para a comunidade educativa ou para a aprendizagem dos alunos. Isto leva-nos a refletir acerca da importância do papel do adulto na promoção da capacidade de participação das crianças, isto porque, uma sala que promove momentos como as assembleias, as crianças começam a interessar-se de forma mais ativa por aquilo que as rodeia, isto porque a sua opinião torna-se fundamental, reconhecendo o conceito de participação e dando exemplos práticos.

Com esta análise, é possível perceber que os momentos observados e registados através da observação participante, e as informações apresentadas pelos alunos e pelas docentes são muitas vezes díspares. Por este motivo, os níveis de participação podem não corresponder à realidade vivida naquela instituição. O conceito de participação aparenta não ser interpretado da mesma forma por adultos e pelas crianças, assim como a forma como os adultos vêem as crianças parece influenciar a capacidade ou a possibilidade de participação das crianças na vida escolar. É ainda importante salientar que o grupo de discussão focal das docentes decorreu sob pressão de tempo por algumas das docentes, culminando na falta de oportunidade de discussão de estratégias ou ideias.

3.4 Registos de observações- Pré-escolar

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada II foi possível acompanhar um grupo de crianças e neste tópico pretende-se abordar alguns momentos que envolveram, ou não, a participação das crianças.

Um dos primeiros momentos observados foi o início do projeto lúdico da sala de atividades. Para que se chegasse a um tema final foi iniciado um diálogo em grande grupo onde cada criança pode exprimir os seus interesses e posteriormente realizada uma votação para determinar o tema final. A maioria do grupo pretendia dar continuidade ao tema de sala do ano letivo anterior “A Preservação da Natureza”, no entanto, a educadora e a auxiliar exprimiram as suas opiniões dizendo que preferiam que o tema retratasse o “Hospital”, fazendo com que algumas crianças alterassem as suas opiniões. Com isto, foi então realizada uma votação final em que cada criança votou individualmente, sendo o tema do “Hospital” o mais votado.

Depois de escolhido o projeto lúdico, as crianças tiveram oportunidade de partilhar o que gostavam de aprender, o que gostavam de construir e enaltecer aquilo que já sabiam (apêndice k). De acordo com o que as crianças demonstraram interesse, foi construído um hospital dentro da sala de atividades com todos os instrumentos sugeridos (apêndice L).

Ao longo deste estágio surgiu a oportunidade de participar na Festa de Natal. Esta festa foi combinada entre a coordenadora de Pré-escolar e todas as educadoras, que decidiram o tema geral da festa e posteriormente cada educadora faria uma coreografia com o seu grupo. As crianças foram informadas do que iria acontecer na sua Festa de Natal e a educadora mostrou a música e a coreografia que todos deveriam aprender. A festa correu bem e as crianças ficaram entusiasmadas por poder mostrar às suas famílias aquilo que prepararam com tanto carinho, no entanto, ao refletirmos acerca da participação das crianças torna-se difícil enquadrar este momento num nível de participação.

No Dia de Reis cada grupo de crianças teria de ter uma coroa para irem à capela fazer uma oração. A educadora e a auxiliar pensaram e estruturaram uma coroa para cada criança, pedindo auxílio apenas para a pintura dos Reis Magos (apêndice M).



A sala de atividades era grande, organizada de acordo com os interesses das crianças e frequentemente eram afixados trabalhos/produções das crianças para que toda a comunidade educativa pudesse visualizar.

Semanalmente eram realizadas assembleias semanais para que fossem discutidos aspetos que as crianças quisessem salientar. Estes momentos eram geridos por um adulto e eram realizadas em grande grupo. Inicialmente eram seleccionadas 3 crianças voluntárias para que ficassem responsáveis por 3 grandes temas, aspetos que mais gostaram, que menos gostaram e sugestões. Esses responsáveis ficavam sentados em cadeiras enquanto o restante grupo estava em forma de círculo no chão. No final desta assembleia e após todas as crianças puderem exprimir as suas opiniões, os responsáveis realizavam desenhos alusivos ao que foi discutido em grande grupo, para que ficasse exposto na sala de atividades durante a semana que se seguia.

3.5 Grupos de discussão focalizada- Pré-escolar

3.5.1 Grupo focal- Crianças

Este grupo focal teve como objetivo compreender de que formas a participação das crianças, ou a falta dela, é implementada no quotidiano da vida escolar (guião apêndice N).

Inicialmente e após ser explicado às crianças o intuito daquela conversa e troca de ideias uma criança referiu que se deveria desenhar tudo aquilo que iríamos dizer, igualmente como nas assembleias semanais que eram realizadas na sala de atividades.

À primeira questão sobre o conceito de participação a maioria das crianças referiu não saber o que significa, à exceção de duas crianças que referiram ser “... uma coisa que temos de falar as nossas ideias para ter cá no colégio. Nós estamos a fazer uma coisa que é parecida com a Assembleia, mas não é”, tendo sido acrescentado por outra criança que “É quando nos fazem perguntas, participar e também dizer”.

Questionados sobre a participação na instituição, as crianças referiram momentos diários como “... por exemplo a fazer uma corrida”, “Participo a fazer um desenho no colégio” e “A jogar futebol”.



Relativamente a quem pode participar no colégio, foi automaticamente respondido por uma criança que seriam as professoras, sendo acrescentado pelos colegas “... os meninos”, “Todas as pessoas, em todas as atividades do colégio”, “As irmãs do colégio, as educadoras e as auxiliares. Também podem participar as professoras, os alunos” e “Todos os meninos da sala e as educadoras”.

À questão “Gostam da vossa sala?” todas as crianças responderam em uníssono que sim. Seguidamente foi questionado se mudariam alguma coisa das salas, ao que foi respondido “Os lápis de carvão, porque não me apetece escrever a data”, “Gostava de mudar de sala. Mudava os tubos que estão na vossa sala, que eram da nossa.”, “Os brinquedos, por uns melhores. Porque os legos da minha sala não tem senhores, por isso trocava por legos com pessoas” e “Não sei, gosto de tudo”. Por isto, foi questionado às crianças a possibilidade das educadoras efetuarem alterações na sala de acordo com as opiniões das crianças, à qual foi dito que sim. A organização da sala de atividades foi questionada sobre quem a projetou, tendo sido sempre referido que foram as educadoras, “Já estava assim” e, foi “A educadora”.

Através da pergunta “Têm algum projeto lúdico na vossa sala?” todas as crianças referiram que sim. Sendo questionados acerca da sua escolha, “Fomos nós todos”, “Nós os dois mais alguns meninos, por votos”, “Quem disse mais vezes ganhava”, “Nós primeiro fomos a uma visita de estudo no Estádio do Dragão. Quando fomos à visita de estudo já tínhamos pensado que era boa ideia. Depois quando voltamos para o colégio nós fizemos o Hospital”, “Temos 2 projetos na sala, foram os meninos que escolheram”, uma criança que referiu que “Ainda não está pronto o nosso” e outra criança que frisou que “Eu estava a pensar os polícias, queria decidir sozinho”. Foi ainda dito pelas crianças que todas gostavam do projeto que estavam a desenvolver.

À pergunta “A vossa educadora e a auxiliar deixam-vos darem a opinião sempre que quiserem?” todas as crianças responderam que sim. No entanto à questão “Se tiverem ideias de atividades a vossa educadora deixa fazê-las? Já aconteceu alguma vez?” uma criança disse que “Não”, referindo que já tinha acontecido, as restantes crianças referiram que sim ou “... acho que sim”.

Finalizando este grupo focal, foi questionada a implementação de estratégias que impulsionem a participação ativa das crianças através das assembleias, as crianças referiram compreender o seu conceito dizendo “É uma reunião de crianças”, “É o que

gostamos de fazer na próxima semana”, “Nós fazemos umas coisas, o que nós gostamos mais, o que nós gostamos menos. Por exemplo, eu gosto mais de... olha não gosto daquilo. Ou quando temos ideias novas.”, sendo que uma criança referiu não saber o que era porque “... é quando eu não estou no colégio”. Algumas crianças frisaram ainda compreender a importância das assembleias “É importante sabermos o que gostamos” e “Para sabermos o que queremos fazer pro próximo ano”.

Através deste grupo focal foi possível concluir que o quotidiano destas crianças nesta instituição passa pelo respeito e compreensão dos seus interesses e necessidades, sendo que as crianças são valorizadas e consideradas nos momentos de aprendizagem. Estas crianças demonstraram conhecer o conceito de Assembleia e conseguiram facilmente explicá-lo ao longo do diálogo. O facto de as crianças serem capazes de identificar estes momentos de participação, significa que diariamente as crianças realmente sentem que as suas opiniões são respeitadas e consideradas pela comunidade educativa.

3.5.2 Grupo focal- Docentes

Este grupo focal pretendeu analisar as estratégias aplicadas pelas docentes que promovessem a participação ativa das crianças em contexto escolar no seu quotidiano (guião apêndice O).

Iniciando esta partilha de opiniões e estratégias foi questionado às docentes o que consideravam ser participação, sendo que foi respondido por quatro das docentes presentes que seria “Ter um papel ativo em alguma coisa.”, “Dar voz às crianças e aos adultos dentro da sala.”, “Ser uma equipa, conseguir planificar juntos” e “Partilha de ideias, opinião, trabalho colaborativo.”.

Através da segunda questão era pretendido compreender se, no quotidiano da vida escolar das crianças, estas podiam partilhar as suas opiniões e participar nos seus momentos de aprendizagens. As docentes partilharam das mesmas opiniões expressando que no dia-a-dia as crianças tomam a iniciativa de partilha autonomamente em diferentes momentos, uma docente referiu que “.... Eles gostam de partilhar e de explicar, de dar opiniões sobre diversos temas.”, outra docente exemplifica momentos como “... nos bons

dias eles participam a contar as novidades. Há outros momentos que lhes pedimos ajuda para planificação, no momento em que decidem o projeto, no momento em que decidem construir alguma coisa na sala, quais são as atividades que querem fazer.”, tendo sido ainda acrescentado por outra docente que “Nós temos de adequar muitas vezes a planificação à vontade deles, se eles não quiserem naquele momento, nem tiverem virados para terem uma atividade temos de adaptar.”, sendo a planificação emergente um meio que visa promover a participação ativa.

Todas as docentes afirmaram já terem implementado neste ano letivo um projeto lúdico na sala de atividades, por este motivo foi interrogada a motivação que originou esse projeto. A maioria das docentes reuniu alguns temas que suscitassem interesse ao grupo e realizaram uma votação com as crianças, sendo então referido pelas docentes que, “Na minha sala foi assim, eles lançaram vários temas e fizemos uma votação para decidir em conjunto o projeto para ficar, e foi escolhido “A Natureza”.”, outra educadora afirmou que “O nosso foi um bocadinho também por votação, mas também foi a ida ao “Hospital dos Pequeninos” que os motivou...”, noutra sala partiu de uma história da biblioteca “A motivação veio um pouco da história e do interesse deles de quererem explorar e conhecer a profissão dos bombeiros...”.

Considerando que a organização da sala de atividades também pode ser um espaço em que as crianças podem participar ativamente nas suas aprendizagens, as docentes foram questionadas acerca do processo de organização da sala e das suas áreas. As docentes concordaram que as salas foram pré-concebidas por elas mas que ao longo do ano letivo sofriam alterações de acordo com os interesses ou necessidades, “A minha foi pré-concebida por mim, pelas áreas que tenho sempre na sala. Desde que entrei no colégio foi assim.”, “Eu acho que no início deve acontecer isso com toda a gente depois vai consoante os interesses deles”, “Depois muda pelo projeto, muda pelos interesses. Há várias que desaparecem, outras que aparece. Mas por base acho que temos todas esse sentido.”.

Quanto à forma como as crianças participam no seu quotidiano as docentes referiram que em todos os momentos do colégio as crianças são convidadas a participar, ou já o fazem voluntariamente. Foi referido que “Elas estão constantemente a decidir coisas, portanto, nós temos uma rotina, mas quando existe algum tipo de contratempo são sempre convidadas a decidir connosco.”, “Em vez de ser eu ou a auxiliar a chamar para o lanche escolhi uma criança que chamou cinco amigos, depois outra que chamou outros

cinco, às vezes nem quer dizer que seja mesmo no trabalho, mas no próprio dia-a-dia. É preciso ajudar ou decidir, as próprias crianças intervêm nesse sentido.”, “Eu com os mais pequeninos trabalhei com eles as tarefas, ...”, “Ajudar a vestir casacos, nós funcionamos assim, ajudar-se uns aos outros.” e “... na roda das soluções, eles têm uma parte ativa, eles decidem qual é a consequência do comportamento que tiveram, isso é dar voz à criança.”.

Foram questionadas as estratégias utilizadas que incentivassem a participação das crianças, uma educadora disse que “A metodologia do trabalho por projeto é impulsionadora.” outra educadora acrescentou que “... Os alunos do nosso dia-a-dia estão muito presentes, nós estamos sempre à espera que eles façam, não é nada de estipulado, os miúdos já fazem equipa. Quem fala nos miúdos fala nas nossas auxiliares, entre salas, nós facilmente vamos a uma sala e vamos a outra.”.

Com o objetivo de compreender a importância que as docentes atribuem à participação das crianças, estas foram questionadas se acreditavam que a participação, ou a falta dela, pode influenciar o processo de aprendizagem. Todas as educadoras responderam que influencia, justificando que “... se as crianças tiverem uma voz ativa naquilo que fazem vão-se sentir mais responsabilizadas e mais envolvidas no processo.”, “Sentem que são elementos.”, “Dá muito mais vontade de depois pedirem mais, sentirem curiosidade e mesmo em casa de falarem do que é feito na sala” e “Não terem tanto receio em errar, e tem haver com a estrutura deles, a parte emocional, saberem que também importam no grupo, a opinião, tudo isso.”.

As educadoras reconhecem como principais obstáculos à participação o saber gerir a quantidade de interesses do grupo, “Às vezes a quantidade de coisas que eles pedem para fazer. Claro que no pré-escolar o nosso currículo é adaptável, mas há coisas que temos de trabalhar e temos por base o nosso trabalho. Mas às vezes eles estão tão envolvidos que pedem mais e mais, nós também temos de pôr os pés e saber que há coisas que temos de deixar para depois (...).”, uma vez que “precisamos de ter essa noção de tempo e de trabalho.”.

Falando acerca das sugestões das crianças as educadoras referiram que as ouvem sempre e é devido a sugestões ou interesses delas que se improvisa material e se brinca ao faz de conta, “Às vezes até se improvisa material para determinados jogos que eles queiram, ou uma atividade que às vezes era necessário material, até improvisamos.”.

Em relação à participação na escola as docentes realçaram a importância da participação e envolvimento de toda a comunidade educativa em diferentes projetos, uma vez que todos constituem a mesma instituição. As educadoras referiram que a participação é importante “Para se sentirem parte do colégio, não é só a sala x, mas fazemos parte do pré-escolar e fazemos parte do colégio.”, “... a troca de salas começou com isso, no pré-escolar, o à-vontade que eles têm com qualquer uma de nós é completamente diferente. (...) E mesmo as atividades que acontecem em todo o colégio, eles começam-se a habituar, ou na missa, ou uma atividade da UNESCO, da Eco-escolas, há um bocadinho o sentido do colégio. Nós somos o pré-escolar mas fazemos parte de todo o colégio enquanto comunidade.”.

À questão “Quem pode participar na escola?” as docentes referiram que todas as pessoas, exemplificando “Pais, tios, avós, alunos, auxiliares, assistentes.”, “Famílias alargadas.”, “Até intercâmbios entre ciclos, também já veio o 3.º ciclo ou o 2.º ao pré-escolar, ou nós lá. Isso também é muito enriquecedor.” e “Todos os funcionários que não estão diretamente ligados têm uma participação.”.

Este grupo focal permitiu compreender as opiniões das docentes em relação à participação das crianças em contextos educativos. As docentes realçaram a importância da participação como a partilha de ideias e os trabalhos colaborativos, mas simultaneamente referiram entraves à participação de pessoas vindas do contexto exterior, como parcerias com instituições ou encarregados de educação. Com isto, é possível concluir que estas docentes defendem uma participação orientada a todas as pessoas/instituições que pretendam intervir no contexto educativo.

3.6 Discussão dos resultados- Pré-escolar

A discussão de resultados pretende analisar os conteúdos já mencionados anteriormente relativamente à investigação em Pré-escolar, como os registos de observações e os grupos focais das crianças e das docentes (transcrição das crianças apêndice R e das docentes apêndice S). Com isto também é possível enquadrar níveis de participação em diferentes momentos observados ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.



Um dos primeiros aspetos a analisar será o começo do projeto lúdico na sala de atividades. Cada criança pôde partilhar as suas opiniões e interesses votando no tema que considerasse melhor, no entanto, a educadora e a auxiliar ao partilharem as suas opiniões influenciaram voluntária ou involuntariamente as opiniões do grupo. Depois dos adultos presentes na sala exprimirem as suas opiniões as crianças realizaram uma nova votação e verificou-se que os seus interesses se tinham alterado. Ao longo dos grupos focais, tanto as crianças como as docentes, referiram que foram as crianças a eleger o tema através de votos. Com isto podemos, de acordo com Gerison Lansdown (2005), enquadrar a escolha do projeto lúdico no *processo consultivo*, uma vez que foi iniciado e totalmente controlado pelo adulto, havendo uma pequena interação com as crianças.

Ainda relativamente ao projeto lúdico, as crianças demonstraram interesse em construir um hospital dentro da sala de atividades. Para a sua construção, foram várias vezes realizadas votações, para que as crianças decidissem quais seriam os instrumentos ou objetos que iriam construir, assim como a escolha de materiais, e de cores. A participação dos encarregados de educação foi igualmente importante na angariação de materiais hospitalares como batas, estetoscópios, pensos, toucas e muitas outras coisas. A participação de toda a comunidade educativa foi imprescindível para ajudar a construir o hospital, mantendo as crianças interessadas e curiosas pelo tema. Podemos então enquadrar o desenvolvimento deste projeto no *processo autónomo* de Gerison Lansdown (2005), uma vez que as crianças influenciaram e empreenderam a ação, sendo o adulto apenas facilitador e supervisor.

Foi referido pelas educadoras que as salas de atividades eram pensadas e organizadas por elas, mas que sofriam alterações ao longo do ano letivo de acordo com os interesses do grupo. De facto, ao longo da Prática de Ensino Supervisionada pude observar que a gestão e organização do espaço era negociada com as crianças, sofrendo inúmeras alterações sempre que assim fosse relevante.

Ao longo da observação também se considera importante de salientar a forma como a Festa de Natal aconteceu nesta instituição, isto porque, foi uma festa das crianças para os encarregados de educação, em que as crianças decoraram a coreografia ensinada pela educadora do grupo.

Outro momento que é importante salientar foi a forma como a coroa do Dia de Reis, sugerida pela direção, foi realizada pelas crianças. A educadora e a auxiliar

realizaram o molde das coroas, colocaram os brilhantes e colaram os Reis Magos, pedindo auxílio às crianças apenas na pintura.

Roger Hart (1992) defende no seu segundo nível de não participação que as crianças têm um papel meramente figurativo, sendo que as opiniões das crianças não são consideradas. Esse nível de não participação das crianças parece assim adequar-se ao que aconteceu relativamente à Festa de Natal e à realização das coroas para o Dia de Reis.

Ao longo dos grupos focais é possível concluir que a participação ativa das crianças em contextos escolares é considerada, pela instituição, positiva nas aprendizagens das crianças. Pretende-se salientar a concordância entre educadoras e crianças uma vez que estes elementos da comunidade educativa partilham das mesmas opiniões de acordo com o que se passa no quotidiano. As educadoras referem que “Há imensas situações e às vezes nem estão na planificação, em que eles participam.”, “Elas estão constantemente a decidir coisas, portanto, nós temos uma rotina, mas quando existe algum tipo de contratempo são sempre convidadas a decidir connosco.” e as crianças dizem que “As irmãs do colégio, as educadoras e as auxiliares. Também podem participar as professoras, os alunos.”, “Todas as pessoas, em todas as atividades do colégio.”. Assim, e de acordo com estas afirmações, é possível dizer que toda a comunidade educativa está ativamente inserida em diferentes momentos do dia-a-dia do colégio. As crianças referem ainda que podem sempre expressar as suas opiniões dentro da sala e que a educadora as considera.

Através dos grupos focais foi ainda possível discutir formas/estratégias de participação das crianças, tendo sido salientado pelas crianças, as assembleias semanais, e pelas educadoras, o momento semanal de troca de salas e a roda das soluções. Foi também possível concluir que as assembleias semanais são realizadas por todas as educadoras do colégio e que as crianças gostam destes momentos de partilha de opiniões compreendendo o seu propósito, “É uma reunião de crianças.”, “Nós fazemos umas coisas, o que nós gostamos mais, o que nós gostamos menos. Por exemplo, eu gosto mais de... olha não gosto daquilo. Ou quando temos ideias novas.”. É notório que as crianças reconhecem que têm espaços de participação, identificando momentos específicos.

3.7 Análise de Dados Comparativos

Neste capítulo serão comparadas e confrontadas as diferentes respostas obtidas pelos docentes e pelas crianças e alunos nos diferentes grupos de discussão focalizada e através da observação participante, em duas valências, pré-escolar e 1.º CEB.

Em ambos os grupos de discussão focalizada foi colocada a questão “Sabem o que é a participação?”, às crianças e aos alunos. Através das respostas a esta pergunta é possível compreender o tipo de participação existente em cada instituição entrevistada. Em pré-escolar a maioria das crianças foi capaz de explicar o seu conceito, dando exemplos práticos, já no 1.º CEB os alunos não sabem identificar ou explicar o seu significado, mas frisam que não podem participar em tudo na sua instituição, sendo necessária uma aprovação por parte de um adulto.

Considerando a questão, “Se fossem professores, o que mudavam na participação que eles vos promovem?”, uma aluna de 1.º CEB referiu que “Eu mudaria as regras, deixava os alunos trocar de lugares e conversar sobre a matéria.”, isto porque eram inexistentes os momentos de aprendizagem colaborativa. Por outro lado, existe um pré-escolar que trabalha através de metodologias de projeto, em que cada sala é livre de escolher o tema de acordo com os interesses individuais de cada criança e do grupo.

De acordo com os dados já acima analisados, no capítulo III, e confrontando-os simultaneamente, é possível afirmar que as crianças de pré-escolar participam mais na construção das suas aprendizagens do que os alunos de 1.º CEB com poucas oportunidades de intervenção e de participação no seu quotidiano.

Por isto, torna-se essencial compreender o que as docentes e educadoras pensam, acerca da participação em contexto educativo. Colocando a questão, “O que consideram ser participação?”, em ambos os grupos de discussão focalizada as docentes realçaram a participação das crianças/alunos, no entanto, em pré-escolar, salientaram a importância da voz da criança e o seu papel ativo nas conceções de diferentes momentos, uma vez que são uma equipa. Já as docentes de 1.º CEB defenderam a participação dos alunos em atividades, limitando o tipo de participação existente.

Quando questionadas acerca da importância da participação na escola, as professoras de 1.º CEB assumiram que a comunidade exterior à instituição, como

encarregados de educação, familiares e todas as parcerias existentes, deveriam aprender a participar. “Participação negativa” foi o termo utilizado por uma das docentes de 1.º CEB, ao explicar que, a comunidade ao participar deve estar em concordância com a restante comunidade educativa, havendo “determinados tipos de condições de participação”.

Questionando as educadoras acerca da importância da participação nos processos de aprendizagem, todas concordaram no seu benefício, explicando que a voz ativa das crianças lhes permite estarem envolvidas e interessadas, promovendo a curiosidade. No 1.º CEB a maioria das docentes absteve-se a esta questão, no entanto, uma docente disse que vão a votações na escolha de temas a abordar.

Em relação aos obstáculos à participação, as educadoras referiram que é complicado ouvir e gerir todas as ideias que as crianças pretendem fazer, uma vez que também é necessário trabalhar domínios diferentes. As docentes de 1.º CEB voltaram a salientar o facto de vários elementos da comunidade educativa não saberem participar, ou participarem contra os seus objetivos, os encarregados de educação são vistos como uma adversidade, assim como a falta de democracia dos alunos.

Considerando todos os dados recolhidos e analisados, de duas valências e contextos diferentes, é possível afirmar que, nos contextos analisados neste estudo de caso, as crianças de pré-escolar têm uma voz ativa no quotidiano da sua vida, em contexto escolar. A sua voz ativa, a importância da democracia, os diálogos e as partilhas de ideias tornam as crianças agentes da própria vida, tornando-as cidadãs competentes, com uma presença e uma voz que fazem a diferença. É importante salientar que toda a comunidade educativa é crucial para que a criança seja feliz e impulsionadora para novos desafios. Como referiu uma educadora, “Todos os funcionários que não estão diretamente ligados têm uma participação.”.

Por outro lado, temos um 1.º CEB, da PES II, que acredita ter alguns entraves à participação, não colocando os alunos como centro de aprendizagem. O quotidiano destes alunos é realizar tarefas delegadas pelas docentes, não havendo momentos de diálogo acerca de temas que podem influenciar positivamente ou negativamente a sua vida escolar ou pessoal. Apenas um dos alunos presente no grupo de discussão focalizada identificou a participação como um direito das crianças, com isto, podemos concluir que não é um tema abordado nesta instituição. Ao longo do grupo de discussão focalizada dos alunos,

é possível compreender que existem muitas regras impostas por membros da comunidade educativa, que devem ser respeitadas ao longo do dia a dia.

Concluindo, segundo os dados recolhidos através da observação participante, as docentes de 1.º CEB procuraram responder às questões de acordo com aquilo que teoricamente consideram correto, negligenciando a parte prática. Já as educadoras procuraram responder de acordo com as situações vivenciadas na instituição e nas suas vidas profissionais.

Com isto, torna-se imperativo questionarmo-nos porque é que um contexto de pré-escolar tem mais participação ativa das crianças do que um contexto de 1.º CEB.

Ao compreender que havia uma diferença tão abissal sobre o conceito de participação no contexto de pré-escolar e de 1.º CEB (PES IV), e havendo a oportunidade de realizar outra Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB, num outro contexto, realizou-se mais um grupo de discussão focalizada com alunos (consentimento apêndice T) e uma breve entrevista à docente responsável pela turma (consentimento apêndice U). Esta nova investigação fez sentido, uma vez que, existiram momentos muito distintos entre a PES II e a IV, no que diz respeito à vivência da participação das crianças no processo de ensino aprendizagem. Por isto, esta nova investigação veio esclarecer melhor os resultados obtidos, no sentido de procurar compreender se a forma como a participação deve apenas uma diferença entre ciclos ou se seria uma diferença ligada a questões de cultura organizacional das instituições de ensino.

Posto isto, é fundamental compreender em que medida é que a cultura da própria organização pode influenciar a forma como adultos ou crianças vêem a possibilidade de participação (ver guião do grupo de discussão focal apêndice V com os respetivos anexos no apêndice X e da entrevista à docente apêndice W).

Através desta nova investigação foi possível compreender que os alunos desta instituição vivenciaram momentos de uma participação ativa (transcrição do grupo de discussão focalizada apêndice Y e da entrevista apêndice Z).

De acordo com o grupo de discussão focalizada realizada aos alunos, é possível afirmar que os alunos sabem identificar muito bem o que é a participação. Além disto, estes fazem uma estrita relação entre a participação e democracia, demonstrando que a participação está diretamente relacionada com os direitos das crianças, mas também dos



adultos, frisando que faz parte da liberdade de expressão terem a possibilidade de partilhar gostos e interesses.

Quando questionados acerca da participação ser um direito, os alunos mencionaram que “Eu acho que a participação é um direito de crianças, sim, e de adultos também.”, outro aluno acrescentou “Basicamente a participação é um direito, porque se não existisse provavelmente não estaríamos a fazer isto. Provavelmente só ouviríamos e ficaríamos cansados de ouvir, de não dizer a nossa opinião e dizer o que está mal e o que está bem.”, além disto, mencionaram que “Se não tivéssemos direitos não seríamos felizes.”.

Questionados acerca de participarem na escola, os alunos referiram as assembleias de turma, a participação em sala de aula ao “pôr o dedo no ar, para falar”, mas também identificaram exemplos de participar no contexto escolar, porque “... estando na escola já é participar, porque tu fazes parte das várias pessoas que estão na escola a aprender e a conviver.”.

De forma a ser possível comparar os diferentes graus de participação anteriormente obtidos, questionou-se se “Quando andavam em pré-escolar, também participavam nas atividades? Acham que agora participam mais ou menos? Porquê?”, compreendendo se os níveis de ensino influenciam os níveis de participação. Os alunos afirmaram que “Mais ou menos, agora temos assembleias. Nunca tinha tido assembleias, não participava tanto. Era uma participação às vezes.”, justificando que “... éramos mais pequenos e não percebíamos muito disso.” e “... normalmente só brincávamos na sala até ir pra casa.”. Um aluno acrescentou ainda “Acho que era por falta de oportunidade, não havia tantos trabalhos para participar. Não costumávamos fazer trabalhos.”. Através destas respostas é possível concluir que estas crianças consideram que participam mais em 1.º CEB do que em pré-escolar, justificando que em pré-escolar não havia tantas oportunidades de participação, resumindo-se, nas suas palavras, a brincar livremente pela sala.

A docente titular desta turma defende a participação ativa nos processos de aprendizagem, porque “Máquinas de reproduzir aquele modelo, condiciona muito a motivação para virem para a escola. Eles devem estar aqui felizes e se eles forem ouvidos, eu acho que eles sentem-se envolvidos e implicados na aprendizagem.”.

Ao dialogar com a docente titular desta turma de 4.º ano concluiu-se que existem dois momentos específicos para os alunos partilharem gostos, interesses ou necessidades. As assembleias de turma, que aconteciam semanalmente, mas por acordo da comunidade de 1.º CEB passaram a ser quinzenais, e o projeto “Ler, contar e mostrar”, em que cada aluno pode propor um “tema, sempre que quiserem, não há obrigatoriedade e pode ser uma coisa muito estruturada ou não. Podem partilhar um livro que leram, uma viagem.”, “é uma forma dos miúdos trazerem para a sala de aula os seus interesses, os seus gostos e darem a conhecer-se também.”. A docente frisou que para além de serem momentos importantes para a turma, também são para ela, que passa a conhecer melhor os seus alunos.

No quotidiano os seus alunos podem participar na gestão de conteúdos, havia sempre oportunidade deles “...opinar e dizer o que podíamos trabalhar, e algumas foram alteradas.”, gerindo o currículo. Além disto, a docente defende a “mesma professora dar continuidade aos 4 anos porque assim consegues articular o currículo verticalmente, nos diferentes anos e perceber o que já trabalhei, o que devo reforçar ou o que deixei pendente.”.

Em relação à avaliação, os alunos “vão fazendo sempre a sua autoavaliação em função do desempenho que vão tendo em sala de aula, mais de carácter qualitativo.”.

De acordo com as respostas dos alunos à questão, “Acredita que a idade/nível de desenvolvimento dos alunos influencia o nível de participação? Porquê?”, a docente concorda com as opiniões destes, referindo que “No 1.º ano vai progredindo, do 1.º ao 4.º é notória uma progressão enorme. A assembleia de turma às vezes inicia-se com um momento de queixinhas, depois vai evoluindo para coisas que deixam de centrar tanto em si e mais na comunidade, no colégio, na turma.”.

Finalizando esta entrevista, a docente referiu que o único obstáculo aliado à participação é a própria comunidade educativa, ou a direção, não ouvirem as crianças e considerarem atempadamente as suas necessidades, “Eles têm ideias interessantes, mas que depois não têm visibilidade...”.

Concluindo, tanto os alunos como a docente titular desta turma defendem e aplicam a participação ativa no seu quotidiano, sendo fomentada por toda a comunidade educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater as especificidades da participação, é refletir acerca do papel das escolas como promotoras deste direito, considerando a agência e voz da criança. Por este motivo, depois da análise de dados comparativos é importante refletir sobre os dados recolhidos, articulando-os com os conceitos teóricos discutidos anteriormente.

Refletindo acerca das três investigações realizadas, uma em pré-escolar e duas em 1.º CEB, é possível concluir que nestes contextos existem diferentes níveis de participação, intra e extra valências.

Na valência de pré-escolar identificamos uma participação ativa por parte das crianças e dos adultos, no seu quotidiano.

Em contrapartida, foram recolhidos dados em dois contextos diferentes de 1.º CEB, uma vez que apresentavam implementar diferentes níveis de participação.

Considerado as experiências vivenciadas e os dados recolhidos, através da primeira investigação em 1.º CEB, na PES II, verificou-se que como Tomás e Gama afirmam, “A instituição escolar continua a ser pensada como um espaço de transmissão de cultura, de forma linear e vertical, num processo de centralização do poder dos adultos sobre as crianças.” (2011, p.4). Por outro lado, na segunda investigação em 1.º CEB, na PES IV, é possível perceber um conceito de participação diferente, em que “Participar significa influir directamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças é fundamental, ...” (Tomás, 2007, p.49). Isto leva a uma reflexão sobre o papel que a cultura das instituições educativas tem no processo de vivência real da participação das crianças nos contextos educativos. O projeto pedagógico das instituições educativas e a gestão democrática são de facto cruciais relativamente ao espaço e papel que são atribuídos à participação das crianças (Garcia, 2015). Estes podem contribuir para criar um ambiente organizacional de aprendizagem e uma cultura de participação, consolidando valores de gestão democrática e de cidadania (como é o caso da instituição em que se realizou a PES IV) ou, por outro lado constringer os espaços e tempos de participação das crianças e jovens, como é o caso da instituição em que se realizou a PES II.

Uma vez que os dados recolhidos apresentam o pré-escolar com muita participação e um 1.º CEB com não participação, percebeu-se que seria crucial questionar alunos e docente sobre se a participação poderia depender de algum nível de desenvolvimento ou idade.

De acordo com as respostas analisadas, foi mencionado que no pré-escolar, na instituição frequentada pelas crianças, não existiam tantas oportunidades de participação. Por estes motivos, pode admitir-se que a não participação em 1.º CEB pode ter diferentes causas.

As conceções de participação são muito díspares e podem derivar de diferentes fatores. Neste caso, a cultura organizacional de cada instituição influencia diretamente na forma como os adultos ou as crianças veem a participação. Tal como Tomás e Gama referem, “... participação ou não participação são orientações opostas que caracterizam a forma como os actores se situam na organização” (2011, p.5), isto porque “... é indispensável ter em conta os valores políticos e culturais, normas, objectivos formais e estratégias informais da organização.” (2011, p.5).

Por estes motivos, é fundamental compreender que a instituição da primeira investigação em 1.º CEB não fomentava a participação, ou por motivos de cultura organizacional, ou por não viver uma cultura de participação das crianças. Estes exemplos descartam a possibilidade de ser uma diferença entre ciclos, pois existem exemplos claros de participação na segunda investigação em 1.º CEB.

Nas instituições onde é possível visualizar uma participação ativa das crianças, estas sabem identificar e dar exemplos práticos do quotidiano do que entendem por participação. Por outro lado, sendo implementada a participação das crianças, ou não, nas instituições, os docentes sabem muito bem o seu significado e a sua importância para o desenvolvimento das crianças. Isto leva-nos a repensar sobre o conceito de participação, uma vez que todos sabem identificar as suas potencialidades, mas nem sempre a aplicam na sua plenitude. Como Tomás afirma, “Há uma certa unanimidade na afirmação da participação como um processo fundamental do sistema democrático e tornou-se comum a apropriação do nome participação e participação das crianças para qualquer forma de «participação»” (2007, p.48).

De acordo com a CDC, a participação é um princípio orientador fundamental, sendo um direito civil e político. No entanto, é de salientar que tal como Gerison

Lansdown (2005), Roger Hart (1992) e Harry Shier (2001) defendem, existem inúmeros níveis de participação, e como refere Tomás, “... necessitamos ser claros connosco e com as crianças sobre o grau de participação que estamos a propor.” (2007, p.63).

Considerando todos os fatores já mencionados, é crucial ver a participação como algo a fomentar e a perpetuar, harmonizando o trabalho entre atores e saberes, valorizando a participação nos contextos educativos.

É fundamental questionarmo-nos sobre a perceção das crianças e dos adultos acerca da participação. Relativamente à questão que orientou esta investigação: *Como é que crianças e os adultos interpretam e implementam a participação em contextos educativos?*, os dados recolhidos apontam no sentido de que a perspetiva acerca deste conceito vai variar entre criança e adulto, entre ciclos/valências e depender da cultura organizacional. Também que a implementação da participação das crianças no seu quotidiano, depende maioritariamente, da vontade dos adultos e está diretamente relacionada com a forma como os adultos olham para a participação, uma vez que, de forma geral a infância é atravessada, no campo social, pelas relações assimétricas de poder e ação entre adultos e crianças e pela perspetiva adultocêntrica do conhecimento, reconhecendo a participação das crianças como o poder que estas têm em influenciar os processos de decisão que envolvem negociação entre adultos e crianças sobre questões relacionadas com eles e com o seu desenvolvimento, os adultos podem de facto promover uma mudança nos contextos educativos (Cortesão & Jesus, 2023). Assim, a criação de espaços de participação e a valorização desta, está nas mãos dos adultos, estando diretamente ligada ao papel que estes reconhecem à participação das crianças na co-construção de espaços educativos democráticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, L. S., Cruz, J. F., & Almeida, L. S. (2010). *A entrevista no estudo da Excelência: Uma proposta*. *Psychologia* (nº52, vol 1, pp. 253-279).

Assembleia da República. (2005). *Constituição da República Portuguesa VII Revisão Constitucional*.

Augusto, A. (2014, November). *Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência*. In *Forum Sociológico. Série II* (No. 24, pp. 73-77). CESNOVA.

Cortesão, I. (2020). *Processos e resultados percebidos sobre a participação em projetos de música coral comunitária com crianças: "... e gostamos de estar à beira dos nossos colegas, a cantar todos juntos!"*, tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto.

Cortesão, I., & Jesus, P. (2020). *Guia da Participação das Crianças e Jovens: Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. Bússola 21.

Cortesão, I., & Jesus, P. (2023). *Pasos en Participación de niños y jóvenes en centros educativos: Una dinámica de investigación-acción. Construir comunidade en la escuela*, 353-364.

Garcia, A. G. (2015). *Projeto político pedagógico na escola pública: estratégia e cultura organizacional*. (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Hart, R. *Children's participation: from tokenism to citizenship*. Florence: Unicef; International Child Development Centre, 4, 1992.

<https://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/descargar.aspx?id=1930&tipo=documento>

Junior, E. B. L., de Oliveira, G. S., dos Santos, A. C. O., & Schnekenberg, G. F. (2021). Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(44).

Jesus, P., & Cortesão, I. (2021). Inovação pedagógica nos centros educativos das Irmãs Doroteias: a participação das crianças. *Saber e Educar*, 30(1).

Lansdown, G. (2005) ¿Me haces caso? El derecho de los niños pequeños a participar en las decisiones que los afectan. *Cuadernos sobre Desarrollo Infantil Temprano*, 36, 2005.

Marques, J. P. (2016). A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. *Educação em foco*, 19(28), 263-284.

Oliveira-Formosinho, J., Azevedo, A., Lino, D. M. B. C., Andrade, F. F. & Araújo, S. B. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto Editora.

Piedade, F., Malafaia, C., Neves, T., Loff, M., & Menezes, I. (2020). Educar cidadãos críticos? As visões dos professores e dos alunos portugueses sobre o pensamento crítico na escola. *Habilidades de pensamento e criatividade*, 37, 100690.

Quivy, R., Van Campenhoudt, L., & Santos, R. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*.

Sarmento, M. J. (2011). O estudo de caso etnográfico em educação. *Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*, 137-179.

Shier, H. (2001), Pathways to participation: Openings, Opportunities and Obligations. *Children & Society*. 15, 107-117



Souza Minayo, M. C., & Costa, A. P. (2018). *Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa*. *Revista Lusófona de Educação*, (40), 11-25.

Tomás, C. (2007). *Participação não tem Idade- Participação das Crianças e Cidadania da Infância*. *Contexto & Educação* 22 (78), 45-68.

Tomás, C. & Gama, A. (2011). *Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. *Comité Português para a UNICEF: Edição Revista*



APÊNDICES

Apêndice A- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizado um grupo de discussão focalizada de forma a compreender a perceção e opinião dos alunos acerca do tema. A participação do seu educando será fulcral para a realização do relatório previamente referido, expressando a sua opinião através de um momento de discussão entre alunos e professora estagiária, sendo esse momento registado através da gravação de áudio e imagem. Estes dados serão utilizados apenas para investigação científica e serão destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente quatro meses.

É ainda importante salientar que a participação do seu educando é voluntária e pode, a qualquer momento, desistir sem que sofra qualquer consequência.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Declaro que eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no grupo de discussão focalizada, autorizando a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____ Assinatura: _____

Apêndice B- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Estou a realizar um relatório de estágio intitulado *Participação das crianças nos contextos educativos- representações das crianças e dos adultos* está inserido na investigação para o Relatório de Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto.



Esta investigação pretende responder à questão de partida *O que significa participação das crianças no contexto educativo para as crianças e para os adultos?*, para isso, realizarei uma investigação qualitativa, nomeadamente um *estudo de caso*, onde serão realizados dois grupos de discussão focalizada, um com docentes e outro com alunos. A participação dos mesmos é fulcral para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que ambos se tornam essenciais no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Sendo os docentes um dos focos desta investigação, gostaria de contar com a sua participação num grupo de discussão focalizada com a duração aproximada entre 45 minutos a 1 hora. Esta discussão terá como objetivo compreender as representações dos docentes em relação à participação das crianças em contextos educativos, e, para tal, haverá a recolha de informação através da gravação de som.

Saliento que a participação é totalmente voluntária, e que a qualquer momento poderá desistir sem qualquer tipo de consequência. A participação nesta investigação não comporta riscos, e os dados recolhidos são exclusivamente utilizados para fins de investigação científica. Estes serão guardados por um período de tempo necessário para o tratamento dos dados, que se prevê ser aproximadamente por quatro meses. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Agradeço desde já a sua colaboração nesta investigação. Para mais informações, pode contactar via email.

Catarina Ferreira 2019102@esepef.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: __/__/__



Apêndice C- Consentimento informado Grupo de Discussão Focalizada- Crianças

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizado um grupo de discussão focalizada de forma a compreender a perceção e opinião das crianças acerca do tema. A participação do seu educando será fulcral para a realização do relatório previamente referido, expressando a sua opinião através de um momento de discussão entre crianças e educadora estagiária, sendo esse momento registado através da gravação de áudio e imagem. Estes dados serão utilizados apenas para investigação científica e serão destruídos depois de serem analisados, após um período de aproximadamente quatro meses.

É ainda importante salientar que a participação do seu educando é voluntária e pode, a qualquer momento, desistir sem que sofra qualquer consequência.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Declaro que eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no grupo de discussão focalizada, autorizando a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____ Assinatura: _____

Apêndice D- Consentimento informado Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Estou a realizar um relatório de estágio intitulado *Participação das crianças nos contextos educativos- representações das crianças e dos adultos* está inserido na investigação para o Relatório de Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto.

Esta investigação pretende responder à questão de partida *O que significa participação das crianças no contexto educativo para as crianças e para os adultos?*, para isso, realizarei uma investigação qualitativa, nomeadamente um *estudo de caso*, onde serão realizados dois grupos de discussão focalizada, um com docentes e outro com alunos. A participação dos mesmos é fulcral para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que ambos se tornam essenciais no processo de aprendizagem das crianças.

Sendo os docentes um dos focos desta investigação, gostaria de contar com a sua participação num grupo de discussão focalizada com a duração aproximada entre 45 minutos a 1 hora. Esta discussão terá como objetivo compreender as representações dos docentes em relação à participação das crianças em contextos educativos, e, para tal, haverá a recolha de informação através da gravação de som.

Saliento que a participação é totalmente voluntária, e que a qualquer momento poderá desistir sem qualquer tipo de consequência. A participação nesta investigação não comporta riscos, e os dados recolhidos são exclusivamente utilizados para fins de investigação científica. Estes serão guardados por um período de tempo necessário para o tratamento dos dados, que se prevê ser aproximadamente por quatro meses. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Agradeço desde já a sua colaboração nesta investigação. Para mais informações, pode contactar via email.

Catarina Ferreira 2019102@esepef.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: __/__/__

Apêndice E– Cartaz alusivo à primavera



Apêndice F– Posters



Apêndice G- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Alunos Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam ou tenham vivenciado acerca da *participação* em sala de aula. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas que nos guiarão, às quais não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e também temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para debatermos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa estão livres de não quererem responder a determinadas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento irá ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.



Quebra-gelo

- Eu prefiro...

Nesta dinâmica as crianças estarão de pé, a entrevistadora faz questões de preferências e os alunos têm de se mover para a resposta que consideram ser a mais correta.

Perguntas

-Sabem o que é participação?

-Sabiam a participação é um direito das crianças? Já conheciam este direito?

- Quem acha que as crianças devem falar ou estar em silêncio na sala?

- Se considerarem que as crianças podem falar na sala, acham que é sobre qualquer tema?

- Na sala, as regras devem ser feitas pelos adultos ou pelas crianças?

- Em que espaços podem participar?

- Sentem que a vossa voz é ouvida dentro da escola? E dentro da sala?

- Sentem que as vossas opiniões são respeitadas e tidas em consideração?

- Acham que a participação vos beneficia nas aprendizagens?

- A vossa professora pede-vos opinião sobre as vossas avaliações?

- Se fossem professores, o que mudavam na participação que eles vos promovem?

- Quando um professor vos dá o direito de participar, é uma participação totalmente como vocês querem, ou são participações orientadas?

- Sabem o que é uma assembleia?

Agradecimentos

Este momento está a terminar mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram, o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.



Apêndice H- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Bom dia, sejam bem-vindas ao nosso grupo de discussão focal. Agradeço por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Neste momento irei realizar algumas questões que se destinam a ser uma troca de opiniões e experiências acerca da *participação* dos alunos em sala de aula, com base na vossa experiência enquanto docentes.

Quebra-gelo

- 2 verdades, 1 mentira

As docentes estarão sentadas em roda, com uma folha e uma caneta. Cada uma escreverá duas verdades e uma mentira na folha, e em grupo terão de adivinhar qual será a mentira.

Perguntas

- O que consideram ser a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem pode participar na escola?
- Acham importante a participação na escola? Porquê?
- Os vossos alunos participam nos momentos de aprendizagem? Em que medidas?
- E nas avaliações?
- Qual a vossa opinião acerca dos alunos participarem na escolha de gestão de conteúdos?
- Nas vossas salas, existem momentos em que os alunos possam dar opiniões?
- Acreditam que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem? Em que medidas?
- Quais são os principais obstáculos aliados à participação?

Agradecimentos

Quero agradecer a todas a vossa presença e pelo facto de se disponibilizarem para esta partilha de opiniões.



Apêndice I- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam ou tenham vivenciado acerca da *participação* em sala de aula. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas que nos guiarão, às quais não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e também temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para debatermos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa estão livres de não quererem responder a determinadas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento irá ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.

Quebra-gelo

- Eu prefiro...

Nesta dinâmica as crianças estarão de pé, a entrevistadora faz questões de preferências e os alunos têm de se mover para a resposta que consideram ser a mais correta.

Agora que já fizemos um jogo no pavilhão, conseguimos compreender que este jogo só funciona com a participação de todos. A vossa participação e empenho proporcionaram um bom momento que foi possível perceber que todos temos opiniões e perspetivas diferentes, por isso, agora tenho algumas perguntas para vos fazer que também devem ser respondidas de acordo com a vossa opinião ou vivência.

Perguntas

Sabem o que é participação?

Entrevistadora: Sabem o que é, ou o que vocês pensam sobre essa palavra?

Criança 1 (F)- A participação é quando a gente participa.

Entrevistadora- Em quê? Podemos participar em tudo?



Todos- Não.

Criança 2 (M)- Tudo tudo não.

Criança 1(F)- Não podemos participar quando a gente não tem permissão.

Sabiam que a participação é um direito das crianças? Já conheciam este direito?

Criança 1, 2, 3, 6 e 7- Não.

Criança 5 (M)- São os direitos da criança

Quem acha que as crianças devem falar ou estar em silêncio na sala?

Criança 4 (F)- Estar em silêncio.

Criança 1 (F)- Estar em silêncio.

Criança 2 (M)-Estar em silencia na sala de aula.

Criança 5 (M)- Estar em silêncio para ouvir os professores e aprender mais.

Criança 6 (F)- Podemos estar em silêncio e falar quando for a nossa vez.

Criança 7(M)- Estar em silêncio.

Criança 2 (M)- Mas podemos falar quando estamos no recreio.

Criança 1 (F)- Estar em silêncio para poder ir para o recreio.

Criança 2 (M)- Não é bem isso, é que na sala de aula temos de estar em silêncio para ouvir os professores, no recreio podemos falar.

Entrevistadora- Então, e se vocês quiserem participar ou falar na sala de aula? Têm de levantar o dedo?

Todos- Sim

Se considerarem que as crianças podem falar na sala, acham que é sobre qualquer tema?

Criança 6 (F)- Não.

Entrevistadora- Se me lembrar de alguma coisa na sala de aula, não posso partilhar?



Todos- Podes.

Criança 6 (F)- Mas é para falar do tema que estamos a fazer na aula.

Criança 2 (M)- Por exemplo, se estivermos a falar de matemática e falares de português, aí não faz sentido. Só no recreio é que podemos falar de qualquer coisa.

Na sala, as regras devem ser feitas pelos adultos ou pelas crianças?

Todos- Os alunos.

Criança 2 (M)- E os professores.

Criança 6 (F)- Para manter ordem na sala e não ficar uma confusão, a falar uns em cima dos outros, muito barulho.

Entrevistadora- Portanto, as regras são importantes, mas aqui a pergunta é outra. Quem deve definir as regras da sala?

Criança 1 (F)- Não podem ser os alunos porque eles inventam regras más.

Criança 2 (F)- Não sei, eu acho fixe que sejam os alunos porque assim eles podem inventar destruir a sala.

Criança 1(F)- Devem ser os professores, porque inventam regras que são boas.

Criança 2 (M)- E nós aprendemos mais.

Criança 3 (M)- Os professores.

Criança 7 (M)- Devem ser os professores a criar as regras.

Criança 2 (M)- Podia ser os alunos, era mais criativo.

Criança 5 (M)- Meio meio, porque os professores metem ordem na sala de aula mas também há os delegados e subdelegados de turma.

Criança 2 (M)- Mas isso é diferente!

Criança 5 (M)- Não é diferente, são os alunos!

Criança 6 (F)- Eu acho que devem ser os professores.

Criança 2 (M)- Eu acho mais criativo os alunos, os professores inventam regras.



Em que espaços podem participar?

Criança 3 (M)- Pavilhão.

Criança 6 (F)- Na sala de aula e no recreio.

Criança 5 (M)- Nas atividades extracurriculares.

Criança 4 (F)- Na sala de aula, no recreio, podemos participar em tudo.

Criança 1 (F)- Na CAF, nas AECS, e mais outras coisas.

Criança 2 (M)- Podemos participar em tudo.

Sentem que a vossa voz é ouvida dentro da escola? E dentro da sala?

Todos- Sim.

Criança 2 (M)- Provavelmente sim.

Criança 1(F)- Provavelmente não.

Entrevistadora- É tido em consideração aquilo que vocês dizem?

Criança 6 (F)- Algumas coisas.

Criança 2 (M)- Mais ou menos, algumas coisas sim.

Criança 7 (M)- Eu acho que sim, principalmente na sala.

Sentem que as vossas opiniões são respeitadas e tidas em consideração?

Criança 2 (M)- Por acaso sim.

Criança 7 (M)- Às vezes não, depende.

Criança 1 (F)- Às vezes eu falo e as pessoas aceitam a minha sugestão, outras vezes não.

Criança 5 (M)- Às vezes não porque eu sou tímido na sala de aula.

Acham que a participação vos beneficia nas aprendizagens?

Todos- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança 2 (M)- Porque nós aprendemos mais.



Criança 6 (F)- Estamos a participar.

Entrevistadora- Ao participar aprendemos mais?

Criança 2 (M)- Sim, mais ou menos, um bocadinho.

Criança 5(M)- Aplicamos conhecimentos.

Criança 7(M)- Não sei.

A vossa professora pede-vos opinião sobre as vossas avaliações?

Criança 2 (M)- A nossa sim.

Criança 5 (M)- Sobre a avaliação? Não. A nossa professora pede quando é para pôr as notas nas fichas de expressões.

Entrevistadora- Ela pede-vos a opinião?

Criança 4 (F)- Não.

Criança 5 (M)- A nossa opinião não, mas mostra-nos as notas.

Criança 4 (F)- Com um colega da nossa sala ela mostrou-lhe a nota que teve a matemática, e disse que ele não merece porque não se esforçou nas aulas.

Entrevistadora- A vossa professora pede-vos opinião sobre as avaliações, ou só vos informa?

Todos- Só nos informa.

Criança 2 e 3 (M e M)- A nossa não, ela pergunta o que achamos.

Criança 1 (F)- Só se for ao 2.º ano, a nós não.

Se fossem professores, o que mudavam na participação que eles vos promovem?

Criança 2 (M)- Eu mudaria as regras, deixava os alunos trocar de lugares e conversar sobre a matéria.

Criança 3 (M)- Que a sala fosse mais silenciosa, porque a sala é barulhenta.

Entrevistadora- E se fosses professor, o que farias para isso não acontecer?

Criança 3 (M)- O que mais falasse eu separava-os em cantos diferentes da sala.



Entrevistadora- É o que a vossa professora faz?

Criança 3(M)- Sim!

Criança 2 (M)- Se fizermos barulho durante três ou quatro dias ela separa-nos, ou põe-nos na rua.

Criança 5 (M)- Os alunos não podiam discordar porque qualquer opinião está correta.

Criança 4 (F)- Não mudava nada.

Criança 6 (F)- Não sei.

Criança 7 (M)- Também não sei.

Criança 1 (F)- Quem desse um piu vai para fora da sala.

Criança 2 (M)- Eu faria isso, mas alguns meninos gozam com a professora.

Quando um professor vos dá o direito de participar, é uma participação totalmente como vocês querem, ou são participações orientadas?

Criança 2 (M)- Mais ou menos.

Criança 6 (F)- Não podemos fazer tudo como nós queremos. Depende, se a professora gostar da ideia ela diz que sim.

Criança 5 (M)- Tudo é escolha do professor.

Criança 7 (M)- Quando participo é uma participação orientada.

Criança 6 (F)- Exato.

Entrevistadora- Acham que essas orientações são positivas ou negativas?

Todos- Positivas.

Sabem o que é uma assembleia?

Criança 6 (F)- Não.

Criança 2 (M)- Não.

Criança 5 (M)- Não.



Criança 5 (M)- É uma reunião de turma em que falamos sobre aspetos positivos ou negativos, dificuldades ou sugestões na turma, relativamente àquela semana. Todos davam opiniões, e tinha de ser eleito um secretário de turma, como nas eleições.

Entrevistadora- Se todos tivéssemos uma reunião por semana, em que falássemos e discutíssemos opiniões sobre o que se ia passando na sala, é bom ou mau?

Todos- É bom.

Criança 5 (M)- É bom, porque é o único dia da semana que podemos dizer as nossas dificuldades ou sugestões.

Agradecimentos

Este momento está a terminar mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram, o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.

Apêndice J- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam bem-vindas ao nosso grupo de discussão focal. Agradeço por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Neste momento irei realizar algumas questões que se destinam a ser uma troca de opiniões e experiências acerca da *participação* dos alunos em sala de aula, com base na vossa experiência enquanto docentes.

Quebra-gelo

-2 verdades, 1 mentira

As docentes estarão sentadas em roda, com uma folha branca e caneta. Cada uma escreverá duas verdades e uma mentira na folha, e em grupo terão de adivinhar qual será a mentira.

Perguntas

O que consideram ser a participação?

Docente 2- É um conjunto de pessoas que participam numa instituição, neste caso, os pais, a comunidade educativa, os alunos, os próprios professores.

Docente 1- Participar nas atividades, talvez por ser educadora de educação especial, mas tem a ver com cooperar, colaborar, é estar incluído, integrados.

Entrevistadora- Pois, isso vai ao encontro com a próxima questão.

O que é participar na escola?

Docente 3- É cooperar entre grupos.

Quem pode participar na escola?

Docente 2- Toda a comunidade educativa, nós, pais, câmaras, junta de freguesia, todos os projetos que participamos, até o *Continente*, no fundo é toda a comunidade.

Docente 1- Todas as parcerias, Ginásio, câmaras, juntas de freguesias.

Docente 3- De certa forma, todos.

Acham importante a participação na escola? Porquê?

Docente 1- A participação de quem? Da comunidade exterior?

Entrevistadora- Sim, de tudo.

Docente 1- É importante é.

Docente 2- É importantíssimo, porque se a comunidade exterior trabalhar dentro da escola, estamos a trabalhar um conjunto de valores económicos, sociais dentro da nossa escola. Que não é uma instituição fechada, cada vez mais aberta à comunidade.

Docente 4- É importante, saber é participar.

Docente 1- Quando sabemos trabalhar todos com o mesmo fim é muito fácil, quando há fatores externos à escola que queiram interferir na escola, isso não concordo, é uma participação negativa. Aí temos de alertar quem está fora, quem



quer participar, que há determinado tipos de condições de participação. Agora, a participação ativa, entrando todos em acordo que vamos fazer e participar todos, por exemplo, o PAA sempre que programamos alguma atividade com os pais ou câmaras, fazemos uma reunião prévia, dizemos o que vai acontecer, quem faz o quê, como vamos desenvolver, isso acho que é positiva.

Docente 3- A participação em colaboração, colaborativa com a escola é sempre bom, se não for nesse sentido não é bom.

Os vossos alunos participam nos momentos de aprendizagem? Em que medidas?

Docente 2- Claro que sim, participam em todos os momentos de aprendizagem, na discussão dos temas que vamos abordar, vamos a votações, há várias dinâmicas dentro da sala de aula, muitas vezes na própria avaliação deles.

Docente 4- Eles abrem a discussão.

E nas avaliações?

Docente 4- Sim, participam.

Docente 2- Claro que sim.

Entrevistadora- Como?

Docente 2- Há registo disso, hetero e autoavaliação e depois a avaliação formativa.

Qual a vossa opinião acerca dos alunos participarem na escolha de gestão de conteúdos?

Docente 4- Por mim é positivo, porque vai levar os miúdos a um consenso de temas e às vezes surge uma discussão bastante grande.

Docente 2- E não só, vai de encontro àquilo que eles querem, é uma aprendizagem. E se nós formos inteligentes conseguimos levá-los àquilo que nós queremos e àquilo que eles querem, não é?

Docente 1- E cada vez mais o aluno é o centro da aprendizagem. Sendo o aluno centro da aprendizagem deve-se partir...

Docente 2- Daquilo que ele sabe, que ele quer e das expectativas do aluno.



Docente 1- O processo é muito maior quando partimos das potencialidades do aluno.

Nas vossas salas, existem momentos em que os alunos possam dar opiniões?

Todas- Claro!

Docente 2- Todos. Eles são muito participativos e são muitas vezes chamados às discussões, não só nas nossas aulas como em vários projetos que nós temos, eles são o centro da aprendizagem, o foco são eles, não somos nós.

Docente 3- Claro.

Acreditam que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem?

Todos- Sim.

Docente 2- Com certeza, um aluno que não participa é um aluno apático, não está envolvido.

Quais são os principais obstáculos aliados à participação?

Docente 2- Não saber participar.

Docente 1- É aquilo que eu estava a falar, essencialmente os pais às vezes.

Docente 2- Muitas vezes nos meninos vê-se muita falta de democracia, saber respeitar a opinião do outro. Eles têm alguma dificuldade, eles querem impor.

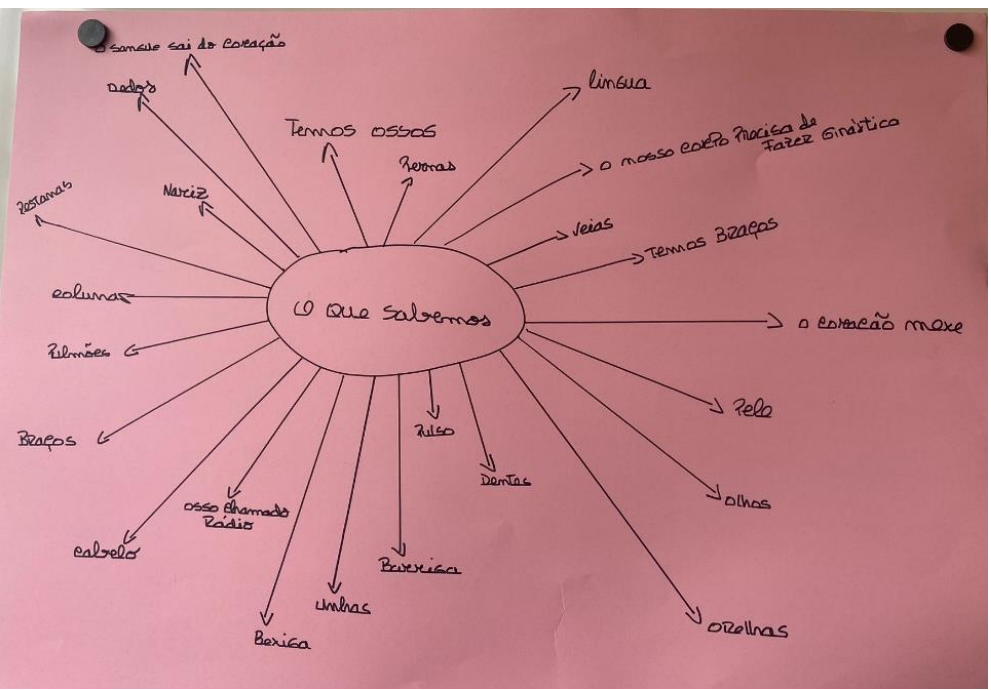
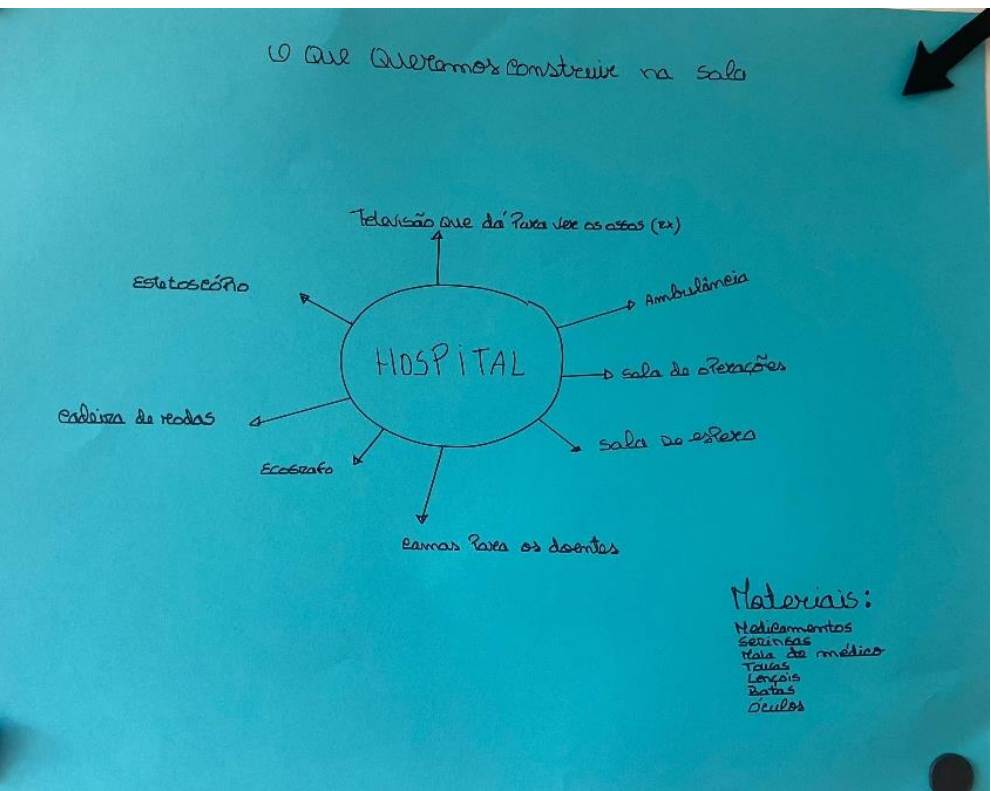
Docente 3- Eles são muito parados.

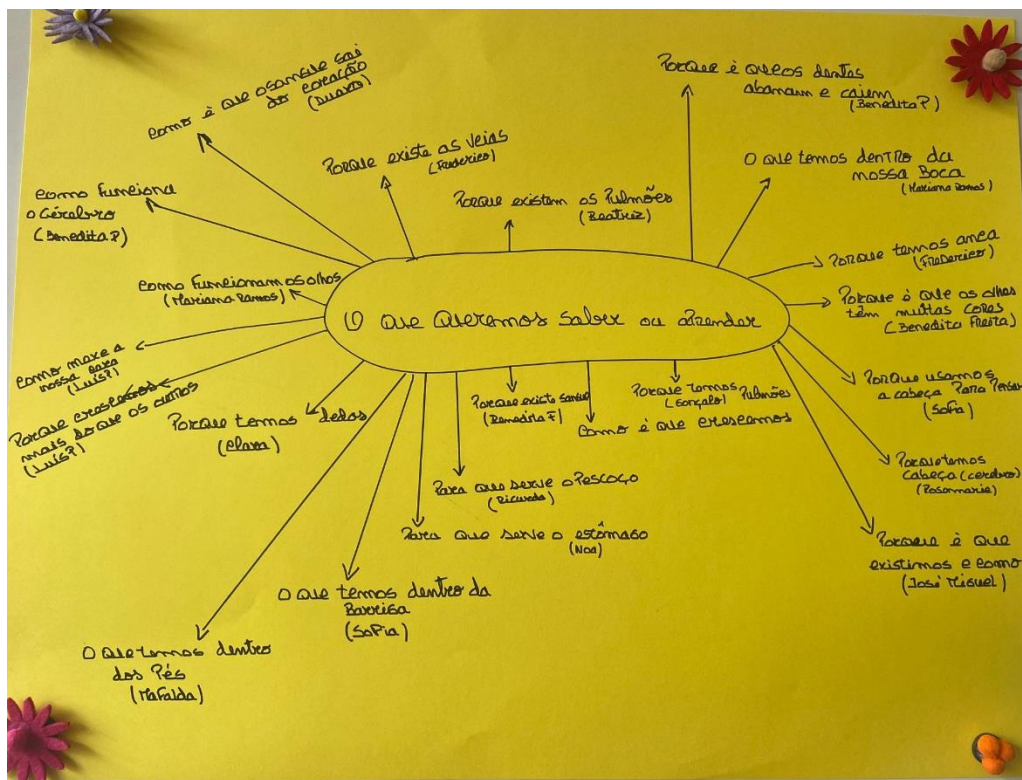
Docente 2- Exatamente, são pouco regados nesse aspeto.

Agradecimentos

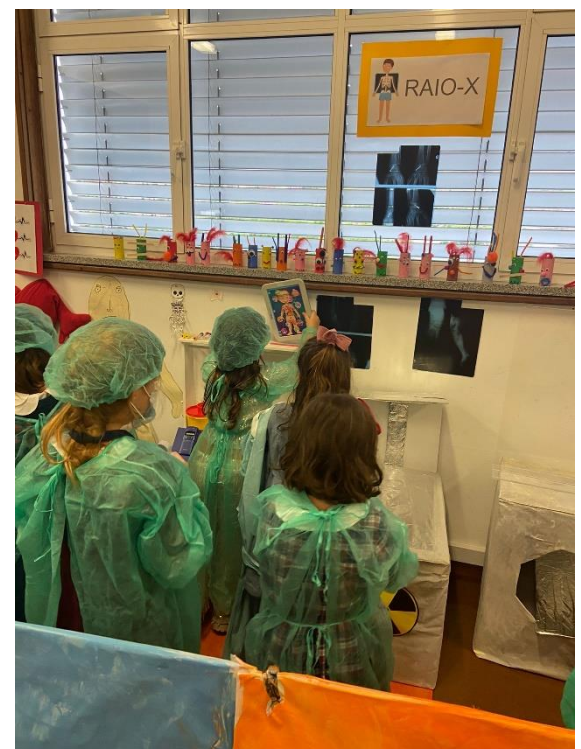
Quero agradecer a todas a vossa presença e pelo facto de se disponibilizarem para esta partilha de opiniões.

Apêndice K- Partilha opiniões projeto lúdico





Apêndice L- Hospital sala de atividades





Apêndice M- Coroa Dia de Reis



Apêndice N- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Crianças Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Quero agradecer-vos por terem aceite fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento é para partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam acerca da *participação* aqui no colégio. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas, sendo que não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para conversarmos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o que pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa podem não querer responder a algumas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento está a ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.



Quebra-gelo

Construções humanas: Será pedido às crianças que retirem um papel de uma caixa e que, em grupo, representem com o seu corpo o objeto representado nesse papel. Os alunos não devem falar entre si.

Perguntas

- Sabem o que é participação?
- Sentem que participam aqui no colégio? Em quê?
- Quem pode participar no colégio?
- Gostam da vossa sala? Se pudessem mudar alguma coisa na vossa sala o que seria?
- Se disserem à vossa educadora o que querem mudar, acham que ela muda?
- Foram vocês que decidiram como seria a vossa sala?
- Têm algum projeto lúdico na vossa sala?
- Quem escolheu esse projeto?
- Gostam desse projeto?
- A vossa educadora e a auxiliar deixam-vos darem a opinião sempre que quiserem?
- Se tiverem ideias de atividades a vossa educadora deixa fazê-las? Já aconteceu alguma vez?
- Sabem o que são Assembleias?
- Sabem para que servem?

Agradecimentos

Este momento está a terminar, mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram. O que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.

Apêndice O- Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Docentes

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam bem-vindas ao nosso grupo de discussão focal. Agradeço por terem aceite fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Neste momento irei realizar algumas questões que se destinam a ser uma troca de opiniões e experiências acerca da *participação* dos alunos em sala de aula, com base na vossa experiência enquanto docentes.

Quebra-gelo

Formas de participação: Selecionar a forma de participação com a qual mais se identificam, justificando. Realizado individualmente.

Perguntas

- O que consideram ser participação?
- Nas vossas salas, existem momentos em que os alunos possam dar opiniões?
- As crianças dos vossos grupos participam nos momentos de aprendizagem? Em que medidas?
- Implementaram algum projeto lúdico na vossa sala?
- E como surgiu? Qual foi a motivação?
- Qual foi o processo para a organização da sala? Seguiram alguma teoria? As crianças verbalizaram opiniões sobre a organização da sala?
- No dia-a-dia, as crianças têm uma participação ativa na sua rotina? De que formas?
- Implementam alguma estratégia que incentive a participação das crianças? Qual?
- Acreditam que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem? Em que medidas?
- Quais são os principais obstáculos aliados à participação?
- Como agem quando as crianças sugerem atividades?
- Acham importante a participação na escola? Porquê?
- O que é participar na escola?

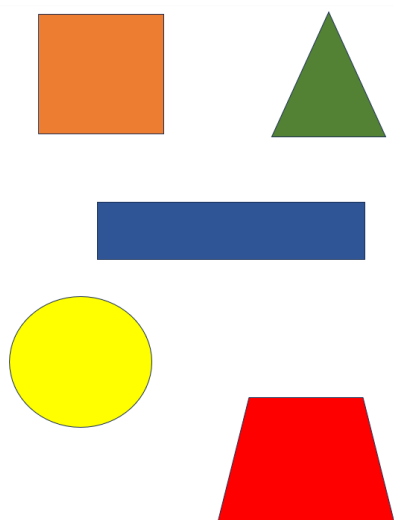


-Quem pode participar na escola?

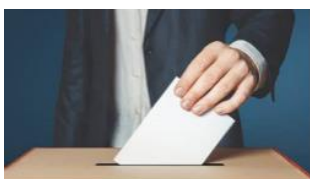
Agradecimentos

Quero agradecer a todas a vossa presença e pelo facto de se disponibilizarem para esta partilha de opiniões.

Apêndice P- Anexos do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Crianças



Apêndice Q- Anexos Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada– Docentes





Apêndice R- Transcrição do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada– Crianças

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Quero agradecer-vos por terem aceite fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento é para partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam acerca da *participação* aqui no colégio. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas, sendo que não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para conversarmos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o que pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa podem não querer responder a algumas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento está a ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.

Quebra-gelo

Construções humanas: Será pedido às crianças que retirem um papel de uma caixa e que, em grupo, representem com o seu corpo o objeto representado nesse papel. Os alunos não devem falar entre si.

Perguntas

Criança 1- Como nós não temos folhas depois podíamos fazer um desenho no quadro sobre o que vamos aqui dizer.

Entrevistadora- Não é preciso, agora vamos só falar e trocar ideias. Eu vou fazer perguntas e podem levantar o dedo para falar.

Sabem o que é participação?

Criança 3 (M)- Não.

Criança 4 (M)- É fazer uma coisa É um jogo!



Criança 5 (F)- É uma coisa que temos de falar as nossas ideias para ter cá no colégio. Nós estamos a fazer uma coisa que é parecida com a Assembleia, mas não é.

Criança 6 (F)- Não sei o que é.

Criança 7 (M)- Não sei.

Criança 1 (M)- É quando nos fazem perguntas, participar e também dizer.

Criança 2 (M)- Não sei.

Sentem que participam aqui no colégio? Em quê?

Criança 1 (M)- Sim.

Entrevistadora- Em quê?

Criança 1 (M)- Como por exemplo a fazer uma corrida.

Criança 3 (M)- Participo a fazer um desenho no colégio.

Criança 4 (M)- A jogar futebol.

Quem pode participar no colégio?

Criança 2 (M)- As professoras.

Entrevistadora- Só as professoras?

Criança 2 (M)- Não.

Entrevistadora- Então?

Criança 2 (M)- E os meninos.

Criança 1 (M)- Todas as pessoas, em todas as atividades do colégio.

Criança 7 (M)- Todos.

Criança 6 (F)- Não sei.

Criança 5 (F)- As irmãs do colégio, as educadoras e as auxiliares. Também podem participar as professoras, os alunos.

Criança 4 (M)- Todos os meninos da sala e as educadoras.



Gostam da vossa sala?

Todos- Sim.

Se pudessem mudar alguma coisa na vossa sala o que seria?

Criança 5 (F)- Os lápis de carvão, porque não me apetece escrever a data

Criança 3 (M)- Gostava de mudar de sala. Mudava os tubos que estão na vossa sala, que eram da nossa.

Criança 7 (M)- Os brinquedos, por uns melhores. Porque os legos da minha sala não tem senhores, por isso trocava por legos com pessoas.

Criança 2 (M)- Mudava a casa das bonecas.

Criança 1 (M)- Não sei, gosto de tudo.

Se disserem à vossa educadora o que querem mudar, acham que ela muda?

Criança 2 (M)- Sim.

Criança 7(M)- Sim.

Criança 6 (F)- Sim.

Criança 3 (M)- Sim.

Foram vocês que decidiram como seria a vossa sala?

Criança 3 (M)- Não.

Criança 2(M)- Já estava assim.

Entrevistadora- Quem escolheu como está a sala? Foram vocês, a educadora ou a auxiliar?

Todos- A educadora.

Têm algum projeto lúdico na vossa sala?

Criança 3(M)- Sim temos.

Todos- Sim



Quem escolheu esse projeto?

Criança 4 (M)- Fomos nós todos.

Criança 1 (M)- Nós os dois mais alguns meninos, por votos.

Criança 2 (M)- Quem disse mais vezes ganhava.

Criança 7 (M)- Fomos nós.

Entrevistadora- Nós quem? As crianças?

Criança 7(M)- Sim, todas as que estavam na sala.

Entrevistadora- E como é que escolheram?

Criança 5 (M)- Nós primeiro fomos a uma visita de estudo no Estádio do Dragão. Quando fomos à visita de estudo já tínhamos pensado que era boa ideia. Depois quando voltamos para o colégio nós fizemos o Hospital.

Criança 4 (M)- Ainda não está pronto o nosso.

Criança 3 (M)- Eu estava a pensar os polícias, queria decidir sozinho.

Criança 8 (F)- Temos 2 projetos na sala, foram os meninos que escolheram.

Gostam desse projeto?

Todos- Sim.

A vossa educadora e a auxiliar deixam-vos darem a opinião sempre que quiserem?

Todos- Sim.

Se tiverem ideias de atividades a vossa educadora deixa fazê-las? Já aconteceu alguma vez?

Criança 1 (M)- Não.

Entrevistadora- Porquê? Já aconteceu?

Criança 1 (M)- Já aconteceu.

Criança 7 (M)- Sim.

Criança 5 (F)- Eu acho que sim.



Criança 6 (F)- Acho que faz.

Criança 3 (M)- Sim.

Sabem o que são Assembleias?

Todos- Eu sei!

Criança 8 (F)- É uma reunião de crianças.

Entrevistadora- E para que serve essa reunião?

Criança 8 (F)- Para ver o que vamos fazer no próximo ano.

Criança 1 (M)- É o que gostamos de fazer na próxima semana.

Criança 5 (F)- Nós fazemos umas coisas, o que nós gostamos mais, o que nós gostamos menos. Por exemplo, eu gosto mais de... olha não gosto daquilo. Ou quando temos ideias novas.

Criança 3 (M)- Não, é quando eu não estou no colégio.

Criança 4(M)- Sim, eu faço. Assembleias é tipo dizer uma coisa aos pais.

Sabem para que servem?

Criança 5 (M)- É importante sabermos o que gostamos.

Criança 8 (F)- Para sabermos o que queremos fazer pro próximo ano.

Agradecimentos

Este momento está a terminar, mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram. O que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.



Apêndice S- Transcrição do Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada– Docentes

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam bem-vindas ao nosso grupo de discussão focal. Agradeço por terem aceite fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Neste momento irei realizar algumas questões que se destinam a ser uma troca de opiniões e experiências acerca da *participação* dos alunos em sala de aula, com base na vossa experiência enquanto docentes.

Quebra-gelo

Formas de participação: Selecionar a forma de participação com a qual mais se identificam, justificando. Realizado individualmente.

Perguntas

O que consideram ser participação?

Docente 3- Ter um papel ativo em alguma coisa.

Docente 2- Dar voz às crianças e aos adultos dentro da sala.

Docente 1- Ser uma equipa, conseguir planificar juntos.

Docente 5- Partilha de ideias, opinião, trabalho colaborativo.

Nas vossas salas, existem momentos em que os alunos possam dar opiniões?

As crianças dos vossos grupos participam nos momentos de aprendizagem?

Em que medidas?

Docente 4- É o que há mais! Eles gostam de partilhar e de explicar, de dar opiniões sobre diversos temas.

Docente 1- Em diferentes momentos, mesmo nos bons dias eles participam a contar as novidades. Há outros momentos que lhes pedimos ajuda para planificação, no momento em que decidem o projeto, no momento em que decidem construir alguma coisa na sala, quais são as atividades que querem fazer. Há imensas situações e às vezes nem estão na planificação, em que eles participam.



Docente 2- Nós temos de adequar muitas vezes a planificação à vontade deles, se eles não quiserem naquele momento, nem tiverem virados para terem uma atividade temos de adaptar.

Docente 1- Planificação emergente.

Implementaram algum projeto lúdico na vossa sala?

Todos- Sim.

E como surgiu? Qual foi a motivação?

Docente 2- Na minha sala foi assim, eles lançaram vários temas e fizemos uma votação para decidir em conjunto o projeto para ficar, e foi escolhido “A Natureza”.

Docente 3- Na minha é as profissões e foi escolhido pela história do “Pinóquio”, pelo espeto ser carpinteiro. A partir daí surgiu algum interesse e eu aproveitei a motivação, também vinha do ano passado, eles estavam muito ligados ao projeto do “Hospital” e mantinham o discurso e o diálogo do que fazem os médicos. O projeto do ano passado começou um bocadinho tarde, eram 3 anos, e este ano ainda estavam muito focados. Através da história consegui ir um bocadinho ao interesse das profissões, vamos para as profissões.

Docente 1- O nosso foi um bocadinho também por votação, mas também foi a ida ao “Hospital dos Pequeninos” que os motivou. Havia dois grupos muito distintos, com motivações diferentes. Alguns queriam continuar o projeto do ano passado da “Preservação do Mundo” e as curiosidades sobre ele, muito insistente ainda, depois a outra parte do grupo o hospital e o corpo humano, até que um dos alunos disse que “o nosso corpo é incrível” e podemos estudar isso. Também foi por votação e pronto, foi assim que surgiu o projeto.

Docente 5- Eu fiz um registo dos interesses do grupo, assim em grande grupo. Anteriormente já me tinha apercebido que através de uma história na biblioteca sobre os bombeiros eles tinham ficado muito entusiasmados, entretanto aquilo passou. Depois quando comecei a fazer o registo dos interesses o tema dos bombeiros por votação saiu muito, e depois conversei com eles. A motivação veio um pouco da história e do interesse deles de quererem explorar e conhecer a profissão dos bombeiros, o projeto é “À descoberta dos bombeiros”.



Docente 4- O meu começou de forma natural já o ano passado, no final dos 4 anos, porque havia uma exposição à porta da sala sobre a exposição solar, feito por alunos do 3.º ano. Todos os dias apreciam maquetes do sistema solar e eles pediam-me muitas vezes para ir ao corredor ver se havia mais e descobrir o que estava lá. Quando se falou este ano do projeto houve dois pedidos, um que foi geral, por eleição ganhou a maioria o projeto de “Uma aventura no espaço”, e curiosamente o outro tema era o “Circo, os palhaços” por um motivo interessante. Uma aluna no verão tinha sido operada aos dedos dos pés e a animação que teve para o sofrimento dela foi o palhaço, o nariz vermelho. Ela contou aquilo e o grupo dela ficou entusiasmado pela experiência que ela contou, depois fomos a votação e estava muito desnivelado. No fundo estou a fazer um intercâmbio, a aproveitar o carnaval, o circo, visto que ela continua em tratamento, para fazer dois em um.

Docente 6- Na nossa sala foi através da exploração de um tapete da Bee-bot, surgiu a curiosidade do que existe na rua. Então depois pedimos aos pais que juntamente com as crianças fizessem um registo gráfico sobre o que existe na rua deles, em termos de lojas, semáforos, o que eles quisessem. Tivemos alguns registos interessantes e depois decidimos ir com eles fazer uma visita às imediações do colégio, para explorar o que temos aqui, ainda está em fase de planeamento, não está completamente implementado, mas será em princípio “Na minha rua e na tua”.

Qual foi o processo para a organização da sala? Seguiram alguma teoria? As crianças verbalizaram opiniões sobre a organização da sala?

Docente 3- A nível de áreas?

Entrevistadora- Sim.

Docente 3- A minha foi pré-concebida por mim, pelas áreas que tenho sempre na sala. Desde que entrei no colégio foi assim.

Docente 6- Eu acho que no início deve acontecer isso com toda a gente depois vai consoante os interesses deles.

Docente 1- A parte teórica, é.

Docente 3- Depois muda pelo projeto, muda pelos interesses. Há várias que desaparecem, outras que aparece. Mas por base acho que temos todas esse sentido.



No dia-a-dia, as crianças têm uma participação ativa na sua rotina? De que formas?

Docente 2- Elas estão constantemente a decidir coisas, portanto, nós temos uma rotina, mas quando existe algum tipo de contratempo são sempre convidadas a decidir connosco.

Docente 3- E muitas vezes, por exemplo, coisas básicas, hoje foi atelier, há quarta-feira temos atelier e quando acabamos lavamos o espaço, fazemos o que temos a fazer, tiveram todos de lavar as mãos e pedi para se sentarem. Em vez de ser eu ou a auxiliar a chamar para o lanche escolhi uma criança que chamou cinco amigos, depois outra que chamou outros cinco, às vezes nem quer dizer que seja mesmo no trabalho, mas no próprio dia-a-dia. É preciso ajudar ou decidir, as próprias crianças intervêm nesse sentido.

Docente 5- Eu com os mais pequeninos trabalhei com eles as tarefas, coisas da sala, temos o responsável do dia e passa um pouco por chamar os amigos pro lanche, ajudar a arrumar a sala, as ver como as áreas ficam.

Docente 6- Ajudar a vestir casacos, nós funcionamos assim, ajudar-se uns aos outros.

Docente 2- Por exemplo na roda das soluções, eles têm uma parte ativa, eles decidem qual é a consequência do comportamento que tiveram, isso é dar voz à criança.

Implementam alguma estratégia que incentive a participação das crianças? Qual?

Docente 2- A metodologia do trabalho por projeto é impulsionadora.

Docente 3- Mesmo sem ser a própria metodologia de projeto acho que todas nós, mesmo quem chega de novo, mas eu quando cheguei senti um bocadinho isso, pelo trabalho que é feito no colégio nós acabamos por entrar na dinâmica. Eu é diferente porque estagiei cá, mas a docente 6 pode dar a opinião que entrou direta no trabalho. Os alunos do nosso dia-a-dia estão muito presentes, nós estamos sempre à espera que eles façam, não é nada de estipulado, os miúdos já fazem equipa. Quem fala nos miúdos fala nas nossas auxiliares, entre salas, nós facilmente vamos a uma sala e vamos a outra.



Docente 4- Nada que seja assim fixo até te posso dar um exemplo, eu tinha um cantinho da calma na sala e hoje iniciei um projeto novo que foi adquirido pelo colégio onde envolve as crianças a serem elas a transformar o cantinho da calma Incentivei dentro do método de ensino e à tarde eu ia começar um jogo e eles “Ó docente 4 hoje é melhor não, porque nós não temos que desmontar o cantinho da calma e fazer outro?”, portanto eles é que tiveram uma participação ativa. Nós não queremos isto agora, queremos é aquilo que de manhã vimos porque é mais aliciante, é mais enriquecedor. Portanto, a tarde foi completamente modificada por causa disso.

Acreditam que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem? Em que medidas?

Todas- Sim.

Docente 2- Repara, se as crianças tiverem uma voz ativa naquilo que fazem vão-se sentir mais responsabilizadas e mais envolvidas no processo.

Docente 4- Mais seguras.

Docente 3- Sentem que são elementos.

Docente 5- Mais confiança no processo que está a decorrer, porque sentem-se à vontade para participar.

Docente 6- Não se sentem tão perdidas no que está a acontecer.

Docente 3- Faz parte de um interesse ou curiosidade e eles sentem-se importantes quando são eles a fazer.

Docente 6- Dá muito mais vontade de depois pedirem mais, sentirem curiosidade e mesmo em casa de falarem do que é feito na sala.

Docente 5- Não terem tanto receio em errar, e tem haver com a estrutura deles, a parte emocional, saberem que também importam no grupo, a opinião, tudo isso.

Quais são os principais obstáculos aliados à participação?

Docente 1- Temos que saber gerir.

Docente 3- Às vezes a quantidade de coisas que eles pedem para fazer. Claro que no pré-escolar o nosso currículo é adaptável, mas há coisas que temos de trabalhar



e temos por base o nosso trabalho. Mas às vezes eles estão tão envolvidos que pedem mais e mais, nós também temos de pôr os pés e saber que há coisas que temos de deixar para depois. Agora com as profissões nós começamos a explorar o que é uma profissão e o que não é, perto de casa o que existe ou não, começaram a falar de manhã o carpinteiro, de tarde o astronauta, e eu “calma, não pode ser assim”. Eles começando a sentir empolgados, até porque há coisas que são precisas de serem trabalhadas que não tem haver com o projeto e precisamos de ter essa noção de tempo e de trabalho.

Como agem quando as crianças sugerem atividades?

Docente 2- Ouvimos sempre.

Docente 1- Ouvimos.

Docente 4- Às vezes até se improvisa material para determinados jogos que eles queiram, ou uma atividade que às vezes era necessário material, até improvisamos.

Docente 3- Ou que naquele momento não é possível, se é é.

Docente 4- É um bocado o faz de conta.

Acham importante a participação na escola? Porquê?

Docente 1- Eu acho importantíssimo.

Docente 2- Comunidade?

Docente 3- Para se sentirem parte do colégio, não é só a sala x, mas fazemos parte do pré-escolar a fazemos parte do colégio.

Docente 6- A troca de salas.

Docente 3- Por exemplo a troca de salas começou com isso, no pré-escolar, o à vontade que eles têm com qualquer uma de nós é completamente diferente. Eles têm na mesma, mas não é da mesma forma, porque a criança vai ter com a educadora ou auxiliar do grupo, agora facilmente procuram qualquer uma de nós. E mesmo as atividades que acontecem em todo o colégio, eles começam-se a habituar, ou na missa, ou uma atividade da UNESCO, da Eco-escolas, há um bocadinho o sentido do colégio. Nós somos o pré-escolar mas fazemos parte de todo o colégio enquanto comunidade.



Docente 4- Exatamente, habituam-se pequeninos a ter este papel ativo na participação.

Docente 5- Eu vejo pelos pequeninos, eles não sabem, eu digo nós vamos mas os outros meninos também vão os 4, os 5 anos, vamos todos. Aos poucos vão se abrindo e tendo uma maior aceitação que eles também estão integrados e isso é importante.

Docente 1- E enriquece.

Quem pode participar na escola?

Todos- Toda a gente.

Entrevistadora- Todos quem?

Docente 3- Pais, tios, avós, alunos, auxiliares, assistentes.

Docente 4- Famílias alargadas.

Docente 3- A prima, o amigo.

Docente 2- E se for assim nem faz sentido.

Docente 3- Toda a gente que os miúdos queiram trazer, ou nós. Por exemplo aquela oração que a docente x fez, que os fez agradecer à comunidade, a quem não vêm, à limpeza, às fotocópias, a quem gere.

Docente 4- Todos os funcionários que não estão diretamente ligados têm uma participação.

Docente 3- As nossas salas sempre estiveram abertas a tudo, às estagiárias, às educadoras, às famílias, ao amigo da família, ao professor do 9.º ano, à professora de 1.º ciclo, ao professor de educação física.

Docente 5- Até intercâmbios entre ciclos, também já veio o 3.º ciclo ou o 2.º ao pré-escolar, ou nós lá. Isso também é muito enriquecedor.

Agradecimentos

Quero agradecer a todas a vossa presença e pelo facto de se disponibilizarem para esta partilha de opiniões.



Apêndice T- Consentimento Informado Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, estou a realizar um Relatório de Estágio, acerca do tema “participação”.

Para tal, será realizado um grupo de discussão focalizada de forma a compreender a perceção e opinião dos alunos acerca do tema. A participação do seu educando será fulcral para a realização do relatório previamente referido, expressando a sua opinião através de um momento de discussão entre crianças e professora estagiária, sendo esse momento registado através da gravação de áudio. Estes dados serão utilizados apenas para investigação científica e serão destruídos depois de serem analisados, prevendo que estes sejam destruídos após um período de aproximadamente dois meses.

A privacidade e a proteção dos dados recolhidos estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

É ainda importante salientar que a participação do seu educando é voluntária e pode, a qualquer momento, desistir sem que sofra qualquer consequência.

Declaro que eu, _____, autorizo o meu educando, _____, a participar no grupo de discussão focalizada, autorizando a gravação de imagem e som para fins de investigação académica.

Data: _____

Assinatura: _____

Apêndice U- Consentimento Informado Entrevista- Docente

Estou a realizar um relatório de estágio intitulado *Participação das crianças nos contextos educativos- representações das crianças e dos adultos* está inserido na investigação para o Relatório de Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto.

Esta investigação pretende responder à questão de partida *O que significa participação das crianças no contexto educativo para as crianças e para os adultos?*, para isso, realizarei uma investigação qualitativa, nomeadamente um *estudo de caso*, onde serão realizados dois grupos de discussão focalizada, um com docentes e outro com alunos. A participação dos mesmos é fulcral para o desenvolvimento desta investigação, uma vez que ambos se tornam essenciais no processo de aprendizagem das crianças.

Sendo os docentes um dos focos desta investigação, gostaria de contar com a sua participação numa entrevista com a duração aproximada de 20 minutos. Esta entrevista terá como objetivo compreender às representações dos docentes em relação à participação das crianças em contextos educativos, e, para tal, haverá a recolha de informação através da gravação de som.

Saliento que a participação é totalmente voluntária, e que a qualquer momento poderá desistir sem qualquer tipo de consequência. A participação nesta investigação não comporta riscos, e os dados recolhidos são exclusivamente utilizados para fins de investigação científica. Estes serão guardados por um período de tempo necessário para o tratamento dos dados, que se prevê ser aproximadamente por dois meses. A privacidade e a proteção dos dados estão de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia.

Agradeço desde já a sua colaboração nesta investigação. Para mais informações, pode contactar via email.

Catarina Ferreira 2019102@esepef.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço,



confiando que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: __/__/__

Apêndice V- Guião de Entrevista Grupos de Discussão Focalizada- Alunos

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam ou tenham vivenciado acerca da *participação* em sala de aula. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas que nos guiarão, às quais não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e também temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para debatermos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o que pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa estão livres de não quererem responder a determinadas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento irá ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.

Quebra-gelo

Seleção de exemplos de participação: Serão expostas várias imagens alusivas à participação das crianças em contexto educativo. As crianças serão convidadas a escolher uma das imagens, justificando as suas escolhas.

Perguntas

-Sabem o que é participação?

-Sabem o que é um direito?

-A participação é um direito das crianças? Já conheciam este direito?

- Gostas de participar na escola? Porquê?
- Participam nas vossas aprendizagens? Como?
- Costumam realizar trabalhos de grupo?
- Participam na vossa avaliação? De que forma?
- Consideram que partilham as vossas opiniões? Elas são ouvidas?
- Quando andavam em pré-escolar, também participavam nas atividades? Achem que agora participam mais ou menos? Porquê?
- Se fossem professores, o que mudavam na participação que eles vos promovem?

Agradecimentos

Este momento está a terminar, mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram, o que foi mais importante para cada um de vocês?

Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.

Apêndice W- Guião de Entrevista- Docente

Contextualização e explicação

Bom dia, obrigada por ter aceitado participar nesta entrevista sobre a participação dos alunos em contexto educativo.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação dos alunos, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como professora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

Perguntas

- O que considera ser a participação?
- O que é participar na escola?
- Quem pode participar na escola?



-Em contexto de sala de aula, os seus alunos participam nos momentos de aprendizagem?

Em que medidas/em que aspetos?

-E nas avaliações?

-Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na escolha de gestão de conteúdos?

-Na sua sala existem momentos em que os alunos possam partilhar opiniões?

-Acredita que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem? Em que medidas?

-Acredita que a idade/nível de desenvolvimento dos alunos influencia o nível de participação? Porquê?

-Quais são os principais obstáculos aliados à participação?

Agradecimento

Quero agradecer a sua presença e a sua disponibilidade para esta partilha de opiniões.



Apêndice X- Anexos Guião de Entrevista Grupo de Discussão Focalizada- Alunos





Apêndice Y- Transcrição Grupo de Discussão Focalizada- Alunos

Contextualização e explicação

Bom dia, sejam todos bem-vindos ao nosso grupo de discussão focal. Obrigada por terem aceitado fazer parte deste momento de partilha de ideias e opiniões.

Este momento tem como objetivo partilharmos ideias e opiniões acerca do que vocês pensam ou tenham vivenciado acerca da *participação* em sala de aula. Ao longo desta conversa vou fazer algumas perguntas que nos guiarão, às quais não existem respostas corretas nem errada, uma vez que todos somos diferentes e também temos experiências de vida diferentes. Podem também sugerir novas perguntas para debatermos aqui em conjunto, porque quero ouvir tudo o pensam sobre este tema.

Ao longo desta conversa estão livres de não quererem responder a determinadas perguntas, assim como podem abandonar o grupo sem qualquer problema.

Este momento irá ser gravado para eu não me esquecer de nada do que vocês dizem e das vossas opiniões.



Quebra-gelo

Seleção de exemplos de participação: Serão expostas várias imagens alusivas à participação das crianças em contexto educativo. As crianças serão convidadas a escolher uma das imagens, justificando as suas escolhas.

Criança 1 (F)- Eu escolhi uma imagem que são várias pessoas, crianças e adultos, a fazerem uma roda e a pegarem numa fitinha grande, muito grande. Elas pegam na fita, a 1ª pessoa estica e vai atirando para outra pessoa, para conhecer e pra perguntar coisas sobre ela, que elas gostam. Isso tem haver comigo porque eu socializo muito com pessoas e eu acho que as pessoas conseguem participar muito nisto, porque cada uma consegue dizer e expressar-se.

Entrevistadora- Defendes esse tipo de participação na sala de aula e na escola?

Criança 1 (F)- Sim.

Criança 2 (M)- Escolhi esta imagem que tem crianças numa aula de matemática, porque eu gosto muito de matemática, e também gosto muito de participar na matemática, é a minha disciplina favorita, e a disciplina que me integro mais.

Entrevistadora- Se pensarmos em participar, esse é o método de participação que defendes?

Criança 2 (M)- Sim, de responder às perguntas que a professora manda.

Criança 3 (M)- A imagem que eu escolhi também é a mesma, porque eu também gosto muito de matemática. Quando não estou a ler, às vezes acabo por participar na aula.

Entrevistadora- Gostas desse tipo de participação que está na imagem?

Criança 3 (M)- Sim.

Entrevistadora- O que é que pode promover essa participação?

Criança 3 (M)- Resolver contas no quadro e estarmos a corrigir em conjunto.

Criança 4 (M)- Eu também escolhi esta imagem porque também gosto muito de matemática, é a minha disciplina preferido a seguir de educação física. Quando é matemática eu participo muito porque gosto mais do que as outras todas disciplinas.



Criança 5 (M)- Escolhi a mesma porque gosto de matemática. Como normalmente tem muitas perguntas, mais pessoas podem responder.

Entrevistadora- Gostas desse tipo de participação?

Criança 5 (M)- Sim, porque tem mais perguntas, mais pessoas participam.

Entrevistadora- Se pensares no teu dia a dia, é assim que mais gostas de participar na escola?

Criança 5 (M)- Sim, diria que sim.

Criança 6 (F)- Eu escolhi esta imagem, pelo que interpretei estão todos em roda a conversar e a participar sobre diferentes assuntos. Eu acho que este é um bom método de participação porque assim toda a gente pode participar e dizer a sua opinião, conversando conseguimos entender melhor os outros.

Criança 7 (F)- É tipo uma assembleia de turma.

Criança 7 (F)- É a mesma imagem. Eu acho que esta imagem se identifica comigo porque eu gosto de me expressar com outras pessoas, porque acho que as outras pessoas entendem melhor o que nós sentimos. Identifica-se comigo.

Criança 1 (F)- Quero dizer outra coisa. A imagem que tem vários meninos a correr numa pista, eu acho que isto está relacionado com desportos em conjunto. Eu acho que isto é uma coisa que podemos fazer e que todas as pessoas podem participar, falar, jogar e fazer tudo o que lhes apetece. Identifica-se comigo porque é uma coisa em equipa.

Perguntas

-Sabem o que é participação?

Criança 5 (M)- Participação é poderes expressar a tua opinião sobre qualquer coisa que viste ou que aconteceu e poderes dizer o que achas.

Criança 2 (M)- A liberdade de expressão e da participação é podermos participar em jogos, deixar de criticar as opiniões dos outros. Participar no geral.



Criança 6 (F)- Eu acho que a participação é a forma que nos conseguimos dar a nossa opinião, também conseguimos ter uma opinião diferente. Se as pessoas deixassem de participar acho que seria mau, porque tínhamos poucas opiniões diferentes.

Criança 3 (M)- Não sei explicar.

Criança 4 (M)- É expressar o que temos para dizer, participar em jogos, na sala de aula para ir ao quadro, dar a nossa opinião, o que queremos dizer sobre a coisa que temos a falar.

Criança 7 (F)- Eu acho que expressar para mim é mostrares o que achas perante as outras pessoas, para elas entenderem o que achas.

Criança 1 (F)- Então, para mim, participação é uma maneira de nos expressarmos e de conseguirmos dizer o que nós sentimos ou que queremos que mude. No caso de uma ditadura, isso não é termos expressão, é totalmente o contrário. Não podemos falar nem expressarmos, nem dizer o que estamos a sentir e o que podemos mudar, os pormenores.

Por exemplo, numa assembleia de turma, se eu quisesse que mudasse uma das coisas da assembleia de turma, eu posso dizer, porque eu posso-me expressar. E é isso que para mim significa, poder dizer o que sentimos.

-Sabem o que é um direito?

Criança 1 (F)- Para mim um direito é uma coisa que temos de ter sempre. Eu tenho de ter sempre o direito de aprender, de estar na escola, de estar aqui a fazer isto. Quando não tivermos o direito de fazer alguma coisa quer dizer que nós não somos livres. E nós temos de ser livres de fazer tudo, porque temos sempre necessidades.

Criança 3 (M)- Para mim um direito é importante, porque se não tivéssemos direito não podíamos fazer muitas coisas e alguns direitos são ter família, educação e expressar livremente, ter pensamentos livres e isso.

Criança 4 (M)- É termos liberdade, o direito de ter uma família, comida, uma escola para aprender. Temos de ter sempre estes direitos para conseguirmos fazer o que queremos, e falar o que queremos.



Criança 6 (F)- Para mim é uma coisa essencial à vida porque se não tivéssemos direitos podíamos não estar aqui. Se só tivéssemos deveres como é que íamos fazer o que quiséssemos? Brincar ao que quiséssemos. Como é que íamos participar se tivéssemos alguém a controlar o que dizemos? Nós não seríamos felizes.

Criança 7 (F)- Eu acho que o direito é uma coisa que nós podemos ter e que para nós é importante, porque nos permite fazer o que achamos e o que pensamos. Eu não sei explicar. Por exemplo, nós queremos fazer qualquer coisa que não nos deixam, para nós isso não é um direito. Para nós é o que nós podemos fazer e o que nos deixa expressar. Podemos fazer o que quisermos, brincar.

Criança 2 (M)- Eu acho que direitos é podermos fazer qualquer coisa, ter o direito de fazer essa coisa, ter o direito de ter família, comida. Eu tenho o direito de brincar, por exemplo. Eu posso ter o direito de ser livre, como a criança 7 disse, se nós não tivéssemos direitos, estaria sempre alguém a controlar a nossa vida.

Criança 5 (M)- Não sei explicar muito bem, mas imagina, um direito é de alguma forma nós sermos independentes e termos o direito de fazer uma coisa. Muitos trabalhos, não tínhamos o direito de escolher o que queríamos trabalhar. Ter liberdade de expressão, como a parte de participar.

-A participação é um direito das crianças? Já conheciam este direito?

Criança 1 (F)- Eu acho que a participação é um direito de crianças, sim, e de adultos também. Porque todos nós conseguimos fazer isso, de facto as crianças de antigamente não era muito livre, principalmente as mulheres e crianças. Os adultos e as crianças devemos ter sempre os mesmos direitos, homens, mulheres, crianças, gordos, magros. Temos de ter todos os mesmos direitos para conseguirmos expressar.

Criança 6 (F)- Eu acho que a participação é um direito de toda a gente, porque se nós não participássemos nós não conseguíamos dizer o que pensávamos, portanto teríamos isso sempre para nós. Basicamente a participação é um direito, porque se não existisse provavelmente não estaríamos a fazer isto. Provavelmente só ouviríamos e ficaríamos cansados de ouvir, de não dizer a nossa opinião e dizer o que está mal e o que está bem.



Criança 3 (M)- A participação é um direito das crianças e dos adultos.

Criança 4 (M)- Para mim é, porque se não fosse um direito não podíamos participar nas aulas e para mim é fundamental.

Criança 2 (M)- Eu acho que é das crianças e também dos adultos, mas as crianças têm mais direitos, porque os pais cuidam das crianças. Se não tivéssemos direitos não seríamos felizes. Os direitos das crianças e dos adultos são diferentes, há direitos diferentes e outros iguais.

Criança 5 (M)- Não sei explicar.

-Gostas de participar na escola? Porquê?

Criança 5 (M)- Sim.

Entrevistadora- Porquê?

Criança 5 (M)- Gosto de participar na escola, não fico só a olhar para a professora.

Entrevistadora- Como é que podes participar na escola?

Criança 5 (M)- Pode ser pôr o dedo no ar, para falar.

Entrevistadora- Gostam de participar na escola?

Todos- Sim.

Criança 4 (M)- Gosto de participar na escola porque todos sabem o que eu penso do que falamos. Eu posso fazer perguntas e dizer o que não está muito bem.

Criança 3 (M)- Eu gosto de participar, mas normalmente estou a ler um livro, só participo de vez em quando.

Criança 6 (F)- Eu gosto de participar porque muitas vezes resolve algumas coisas.

Criança 1 (F)- Podemos participar mais se ficarmos atentos nas aulas. Com assembleias. Conseguimos aprender na escola porque vamos perguntando e vendo as coisas a acontecer. Por exemplo, eu queria muito praticar um determinado desporto, então vi tantas vezes vídeos para visualizar como se fazia até que já consigo. Nós também não aprendemos só dentro da escola, nós também aprendemos visualizando a nossa mente.



Criança 7 (F)- Eu acho também que nós podemos aprender, vendo o que acontece.

Criança 6 (F)- Podemos participar no recreio, brincando. Também podemos participar fazendo algum trabalho, desenhando, pintando, jogando. Podemos participar de muitas formas.

Criança 5 (M)- Já estando na escola já é participar, porque tu fazes parte das várias pessoas que estão na escola a aprender e a conviver.

Criança 4 (M)- Podemos participar no recreio a falar com as auxiliares, a falar com os amigos, quando escolhemos alguma coisa para fazer.

-Participam nas vossas aprendizagens? Como?

Todos- Sim.

Entrevistadora- Como?

Criança 2 (M)- Quando a professora nos ensina matéria nova e não percebemos ela continua a explicar e fazer exercícios para nós entendermos.

Criança 6 (F)- Eu acho que podemos participar na nossa aprendizagem já estando lá para aprender e fazer os trabalhos. Se não tivéssemos lá não aprendíamos. Basicamente a nossa presença é uma participação.

Criança 1 (F)- Como a criança 6 já disse, estando lá. E porque ajuda estarmos atentos e conseguirmos visualizar o que estamos a fazer.

-Costumam realizar trabalhos de grupo?

Todos- Sim.

Criança 1 (F)- Gosto muito de fazer trabalhos de grupo, não só porque estamos todos juntos, também porque conseguimos dar o nosso melhor e aprendermos nós. Conseguimos falar com os nossos colegas de trabalho.

-Participam na vossa avaliação? De que forma?

Criança 5 (M)- A professora informa-nos como vai ser, quando vai ser. A nossa professora e a outra da outra turma, elas é que decidem como vão avaliar.

Criança 2 (M)- Normalmente é com testes, e informa-nos um pouco antes para podemos estudar e saber o que vai sair.



Entrevistadora- É sempre esse método?

Criança 2 (M)- Sim, sempre.

Criança 6 (F)- Estive a pensar, para além de nos avaliar em testes também avalia trabalhos de grupo, o nosso comportamento na sala, outras coisas. Testes é um exemplo, para mim são só para ela perceber como é que nós estamos.

Criança 1 (F)- Nós é que fazemos a nossa avaliação, a nota depende de nós.

-Consideram que partilham as vossas opiniões? Elas são ouvidas?

Criança 4 (M)- Sim. Todos os dias costumamos falar no recreio do que queremos brincar e na sala.

Criança 6 (F)- Todos os dias toda a gente vai ao quadro, responde a alguma coisa, no recreio costumamos participar muito e no dia a dia também.

Criança 3 (M)- Também acho, normalmente podemos dizer todas as nossas opiniões. Normalmente todos me ouvem.

Criança 7 (F)- Normalmente, quando és razoável sim.

Entrevistadora- O que é ser razoável?

Criança 7 (F)- Nós queremos que queremos que aconteça alguma coisa, se não puder acontecer, não é razoável. As professoras depois vêm se pode acontecer. Se quisermos por uma piscina no recreio, não vai ser razoável.

Criança 1 (F)- É verdade que costumam ouvir todas as nossas opiniões. Vou dar um exemplo, já propomos em assembleia por relva sintética nos campos, só que isso não é das melhores propostas, porque envolve muito dinheiro. Mas normalmente costumam ouvir as nossas opiniões.

Criança 5 (M)- Na assembleia de turma nós damos opiniões. A professora ouve-nos e fala com a direção sobre ser possível ou não.

-Quando andavam em pré-escolar, também participavam nas atividades? Acham que agora participam mais ou menos? Porquê?

Todos- Sim.



Criança 1 (F)- Mais ou menos, agora temos assembleias. Nunca tinha tido assembleias, não participava tanto. Era uma participação às vezes.

Criança 7 (F)- Eu concordo com criança 1 porque éramos mais pequeninos e não conseguíamos perceber muito bem.

Entrevista- O facto de seres mais nova não te permitia participar mais?

Criança 7 (F)- Um bocado, sim. Porque éramos mais pequenos e não percebíamos muito disso. Antes não tínhamos assembleias de turma, agora temos, não conseguíamos participar nessa parte.

Entrevistadora- Acham que é possível implementar assembleias no pré-escolar?

Criança 7 (F)- Já há. Já conseguimos ver que mudaram coisas no recreio.

Criança 6 (F)- Participava menos que agora, porque era um bocado mais tímida.

Criança 3 (M)- Não me lembro bem. Acho que participei mais em 1.º ciclo.

Criança 4 (M)- Não me lembro de participar. Acho que participei mais agora.

Criança 2 (M)- Eu acho que não participávamos tanto em pré-escolar porque só brincávamos dentro da sala. Acho que era por falta de oportunidade, não havia tantos trabalhos para participar. Não costumávamos fazer trabalhos.

Criança 1 (F)- Elas não pediam a nossa opinião, porque eram elas que decidiam o que íamos fazer. O único projeto que podíamos fazer era o de final de ano.

Entrevistadora- Eram decididos por vocês?

Criança 1 (F)- Não, pela educadora.

Criança 5 (M)- Eu acho que não participávamos muito, normalmente só brincávamos na sala até ir pra casa.

Entrevistadora- Os trabalhos que a educadora mandava fazer era como vocês quisessem ou era como ela dizia?

Criança 1 (F)- Imagina, se fosse um desenho nós é que escolhíamos que íamos fazer.

Criança 4 (M)- Ou com plasticina, ela dava-nos e fazíamos o que queríamos.



Entrevistadora- Geralmente costumam fazer prendas para o Dia da Mãe ou Dia do Pai, também faziam? Quem escolhia o que era a prenda? Eram todas iguais?

Criança 4 (M)- Acho que eram iguais para toda a gente.

Criança 1 (F)- Depende, se fossem irmãos e andassem na mesma turma não faziam igual.

- Se fossem professores, o que mudavam na participação que eles vos promovem?

Criança 3 (M)- Eu deixava que cada aluno decidisse se queria fazer o trabalho em grupo ou individual.

Criança 6 (F)- Se eu fosse professora eu faria mais trabalhos que estejamos em conjunto. E também deixaria escolher o número de pessoas dos grupos. Dentro de algumas matérias também deixava escolher os temas.

Criança 7 (F)- Eu também mudava a parte dos grupos, tentava que se dividissem mais ou menos num número igual, mas que fossem os alunos a escolher. E também deixava-os escolher tudo sozinhos.

Criança 2 (M)- Eu via os alunos que tinham mais dificuldade e arranjava momentos para os ajudar.

Criança 4 (M)- Fazia mais trabalhos em duas pessoas, em dupla. É mais fácil em duplas porque não havia tanto barulho.

Criança 5 (M)- Eu fazia mais trabalhos didáticos para não ser aborrecido e os alunos participarem mais. Também fazia uma reunião, tipo assembleia de turma, para decidirmos como íamos trabalhar as matérias.

Criança 1 (F)- Se tivesse de mudar alguma coisa equilibrava os tempos. Fazia sempre planos do dia para os alunos saberem sempre o que está feito e o que falta fazer.

Agradecimentos

Este momento está a terminar, mas gostava de ouvir a vossa opinião sobre o que mais ou menos gostaram, o que foi mais importante para cada um de vocês?



Obrigada por terem vindo partilhar as vossas experiências e opiniões, gostei muito de poder partilhar este momento com vocês e de vos ouvir.

Apêndice Z- Transcrição Entrevista- Docente

Contextualização e explicação

Bom dia, obrigada por ter aceitado participar nesta entrevista sobre a participação dos alunos em contexto educativo.

Nesta entrevista farei algumas perguntas acerca da participação dos alunos, sendo as respostas baseadas na sua opinião e naquela que é a sua experiência como professora.

Este momento vai ser gravado para que os dados recolhidos possam depois ser analisados.

Perguntas

-O que considera ser a participação?

Docente- É nos ouvirmos as opiniões deles, quais são as ideias que têm, os projetos da escola, do que têm para fazer. Da forma de eles podem participar nas dinâmicas de toda a escola.

-O que é participar na escola?

Docente- É ter voz, é puderem ser ouvidos. Mais do que serem ouvidos é ouvirem aquilo que eles acham, as ideias, as opiniões serem validadas e verem refletidas nas dinâmicas do dia a dia e em tudo, nos espaços, no trabalho de sala de aula.

-Quem pode participar na escola?

Acho que todos, os pais, os alunos. Toda a comunidade.

-Em contexto de sala de aula, os seus alunos participam nos momentos de aprendizagem? Em que medidas/em que aspetos?

Sim. Neste 4.º ano um bocadinho menos, porque no 1.º, 2.º e 3.º ano eu fazia o PIT (Plano Individual de Trabalho), em que cada um dia gerindo consoante as suas dificuldades, aquilo que sentia necessidade de trabalhar, ou que estava mais predisposto para fazer. Eles podiam optar na assembleia de turma. Nós fazíamos



avaliação do PIT, e depois, uma grande parte das vezes, conseguia que eles dessem sugestões do trabalho a fazer a seguir, fizessem uma gestão do currículo. É mais complicado quando se tem estagiárias, porque para dar tempo de a estagiária preparar as suas aulas ficamos um bocadinho mais condicionadas às opiniões deles. Este ano não fiz o PIT, mas sempre que havia oportunidade eles podiam opinar e dizer o que podíamos trabalhar, e algumas foram alteradas. Principalmente na matemática, em função dos interesses e do que eles iam pedindo.

Entrevistadora- Como funcionam as assembleias?

Docente- Inicialmente eram semanais, no 2.º semestre passaram a quinzenais por decisão da equipa do 1.º CEB. Nas assembleias de turma, durante a semana eles colocam os assuntos que querem ver tratados na assembleia, num papel afixado na sala de aula. Temos um presidente e um secretário, são sempre os mesmos, eles são eleitos no início do ano, por votação. Em princípio ficam o ano todo, exceto algum secretário ou presidente quiser deixar de o ser ou se os colegas acharem que já não estão a cumprir as suas funções. Este ano aconteceu, mas ficou tudo na mesma, acabaram por votar nas mesmas pessoas. Quem quer ser presidente e secretário candidata-se e fica eleito para o ano todo.

-E nas avaliações?

Docente- Nós temos sempre a avaliação sumativa, que continua com teste de avaliação. Mas eles vão fazendo sempre a sua autoavaliação em função do desempenho que vão tendo em sala de aula, mais de carácter qualitativo. Identificar dificuldades e tentar ultrapassá-las.

-Qual a sua opinião acerca dos alunos participarem na escolha de gestão de conteúdos?

Docente- Olha, eu acho que é muito importante. Tu percebes que estás a trabalhar a divisão, eles estão super interessados e perguntam, “Como é com casas decimais?” e podemos ir por aí. Eles estão super motivados e vais fazendo uma gestão do currículo em função dos interesses deles. Sou apologista da mesma professora dar continuidade aos 4 anos porque assim consegues articular o



currículo verticalmente, nos diferentes anos e perceber o que já trabalhei, o que devo reforçar ou o que deixei pendente.

-Na sua sala existem momentos em que os alunos possam partilhar opiniões?

Docente- Na assembleia de turma sempre, em sala de aula também. Por exemplo, na participação das crianças nós temos o “ler, contar e mostrar”, em que cada um faz o seu projeto de interesse. Uns querem fazer muitos projetos, outros propõem-se e acabam por não fazer nada, mas é uma forma dos miúdos trazerem para a sala de aula os seus interesses, os seus gostos e darem a conhecer-se também. A criança x, eu achava que ele era muito forte na parte cognitiva e na matemática, eu achava que era um miúdo excelente cognitivamente, mas com algumas lacunas a nível motor, efetivamente a criança trazer o hóquei pantins para a sala de aula veio demonstrar que eu estava completamente errada. Consegue ser excelente efetivamente naquilo que gosta.

Entrevistadora- Como é que acontece esse momento de “ler, contar e mostrar”?

Docente- Está um papel afixado na parede e cada aluno vai e escreve. Propõe o tema, sempre que quiserem, não há obrigatoriedade e pode ser uma coisa muito estruturada ou não. Podem partilhar um livro que leram, uma viagem. No dia proposto, mediante a disponibilidade, eles fazem as suas apresentações.

-Acredita que a participação, ou a falta dela, influencia o processo de aprendizagem? Em que medidas?

Docente- Acho que sim, a falta de participação e os miúdos sentirem que não são ouvidos. Máquinas de reproduzir aquele modelo, condiciona muito a motivação para virem para a escola. Eles devem estar aqui felizes e se eles forem ouvidos eu acho que eles sentem-se envolvidos e implicados na aprendizagem.

-Acredita que a idade/nível de desenvolvimento dos alunos influencia o nível de participação? Porquê?

Docente- Sim, acredito que sim. No 1.º ano vai progredindo, do 1.º ao 4.º é notória uma progressão enorme. A assembleia de turma às vezes inicia com um momento de queixinhas, depois vai evoluindo para coisas que deixam de centrar tanto em si e mais na comunidade, no colégio, na turma.



-Quais são os principais obstáculos aliados à participação?

Docente- Olha, uma das coisas que falamos muito é não haver um feedback atempado de algumas sugestões que os miúdos fazem, que até nos parecem possíveis, e que não há uma visibilidade imediata, ou num tempo razoável. A nossa turma pediu que houvesse um bebedouro no recreio, para poderem beber água. Eu acho que é uma ideia fantástica, em vez de estarem a perder tempo a vir cá para dentro beber água. Nem é o ter, porque ele já lá está, mas não funciona. Eu acho que é uma mais-valia, a direção por algum motivo ainda não resolveu. Eles têm ideias interessantes, mas que depois não têm visibilidade, este 4.º ano se houver um bebedouro já não vai usufruir.

Agradecimento

Quero agradecer a sua presença e a sua disponibilidade para esta partilha de opiniões.